

UNIDADE 2

REFLEXÕES SOBRE O CABEÇALHO DE ASSUNTO

2.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar o cabeçalho de assunto como instrumento na indexação e recuperação da informação, por meio da identificação de seu conceito, contextualização histórica, elaboração e avaliação de uso.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

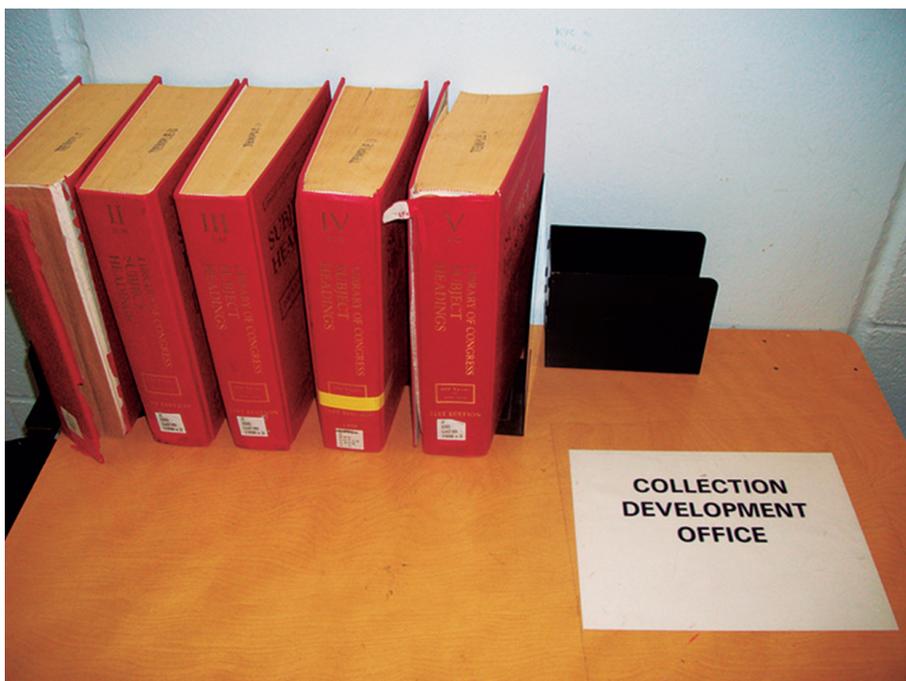
- a) identificar a natureza, as características e funções do cabeçalho de assunto;
- b) sistematizar os princípios utilizados na elaboração de cabeçalhos de assunto;
- c) identificar limitações do uso de cabeçalhos de assunto pelos sistemas de recuperação da informação.

2.3 PRÉ-REQUISITO

Como a *Lista de Cabeçalhos de Assunto da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos*, conhecida como *Library of Congress Subject Headings (LCSH)*, foi e ainda é bastante usada pelas bibliotecas brasileiras, sugerimos que você tenha em mãos um exemplar para acompanhar mais facilmente as considerações que faremos nesta Unidade.

2.4 LISTAS DE CABEÇALHOS DE ASSUNTO

Figura 11 - Listas de cabeçalhos de assunto da *Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos*



Fonte: Flickr (20--?),⁵

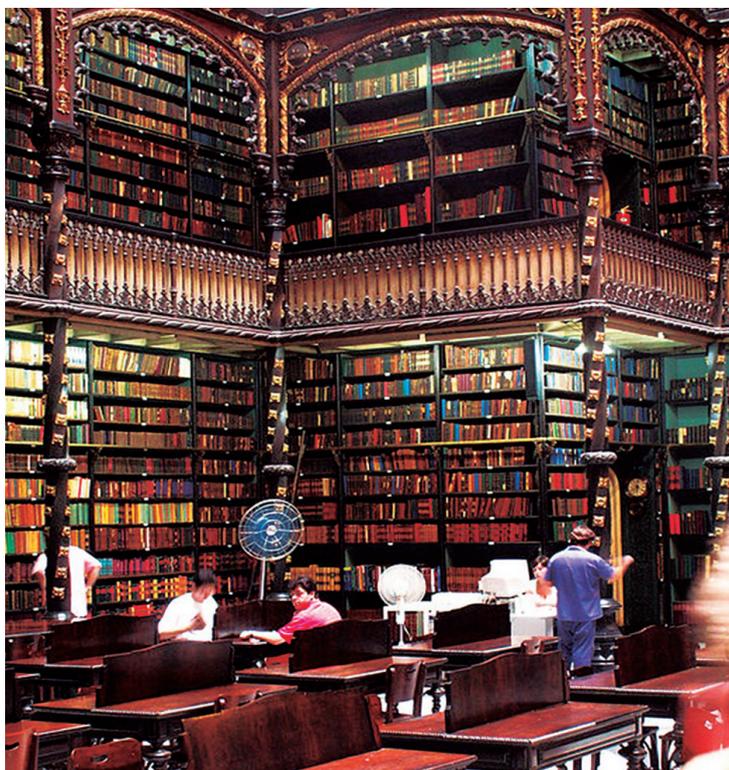
As listas de cabeçalhos de assunto têm gerado opiniões divergentes na área de informação. Dissemos anteriormente que elas não são consideradas, por muitos autores, como uma LD. Mas dissemos, também, que todas as LD destinam-se à facilitação dos processos de indexação e recuperação dos conteúdos temáticos dos documentos. Se considerarmos essa função, as listas de cabeçalhos de assunto não fogem à regra – elas são uma LD.

Quando se fala, porém, de maior ou menor eficiência das linguagens em cumprir tal função, isso fica por conta das características de cada uma delas. Vamos, então, saber da natureza das listas de cabeçalhos de assunto, da história que narra seu aparecimento e evolução, de suas características, por que é uma ferramenta tão questionada, quais são as razões que levam às restrições em seu uso e como essa ferramenta se insere no contexto informacional atual.

⁵ Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/tulpics/4882642683/in/dateposted/>>.

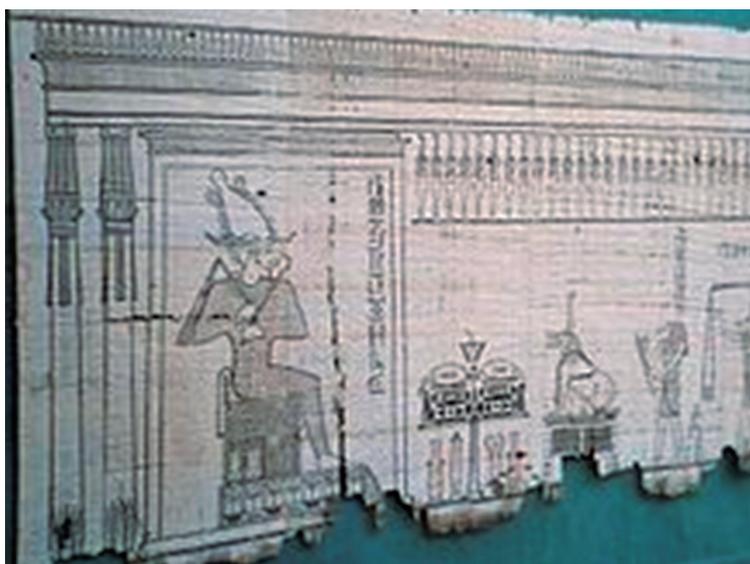
2.5 TUDO TEM UMA HISTÓRIA...

Figura 12 - Real Gabinete Português de Leitura (RJ)



Fonte: *Wikimedia Commons* (2004).⁶

Figura 13 - Parte do egípcio *Livro dos Mortos*, escrito em papiro



Fonte: *Wikimedia Commons* (2005).⁷

⁶ Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RealGabinetePortuguesLeitura1.jpg>>.

⁷ CC BY-SA 3.0. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=127188>>.

O domínio da escrita foi o caminho para a produção intelectual na Antiguidade, fato que logo despertou a preocupação com a guarda do material produzido e o aparecimento das bibliotecas. Antes mesmo da invenção do papel, fabricado pelos árabes, já havia registros feitos em tabletes de argila, nas chamadas “bibliotecas minerais.” A estas, seguiram as “vegetais” e as “animais”, constituídas de rolos de papiros e pergaminhos, respectivamente. Só depois surgiram as bibliotecas que guardavam papel e o livro propriamente dito. Mas é nas bibliotecas que a atividade de organização da informação surgiu, com a elaboração dos catálogos e das bibliografias, em ambos os casos, com a intenção de ordenação do material intelectual produzido.

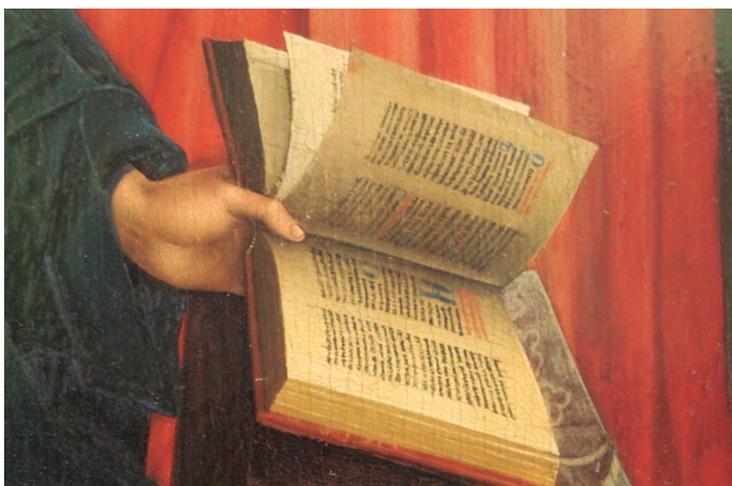
Até o século XVIII, essa atividade de ordenação do conhecimento não tinha características tais como as conhecemos hoje. As primeiras bibliografias eram organizadas por cientistas e pesquisadores, de acordo com as classes de assuntos ou nomes de autores. A comercialização dos livros, anterior ao século XVIII, intensificou-se e trouxe a reboque as primeiras listas de assunto, tendo por base as palavras significativas dos títulos e dando origem a repertórios bibliográficos ordenados alfabeticamente por assunto. Foi então que surgiu a bibliografia nacional da Alemanha, dessa vez por iniciativa dos editores. A despeito dos avanços realizados para organizar o conhecimento, problemas persistiam.



Multimídia

No início era o verbo, depois...

Figura 14 - Obra do artista flamengo *Jan van Eyck* (século XV)



Fonte: Pixabay (2015).⁸

Quem hoje se deslumbra com a praticidade oferecida pelos *e-books* nem chega a imaginar o longo caminho percorrido pelos livros na história. Companheiros da escrita, eles tiveram grande importância para a realização de registros históricos, a compilação de leis e a divulgação de ideias. Atualmente, a produção de livros

⁸ Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/jan-van-eyck-pintura-1027885>>.

chegou a tal ponto que, por exemplo, o século XX foi responsável por uma literatura histórica superior à de todos os outros séculos somados juntos!

Essa história é fascinante! Você pode saber mais sobre ela. Visite o *site* a seguir e se apaixone pelo assunto: <<http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/origem-dos-livros.htm>>.

No século XIX, a atividade de ordenação do conhecimento se profissionalizou. As bibliotecas passaram a organizar as bibliografias e também seus catálogos. Isso, porém, não resolveu problemas relacionados à questão do estabelecimento da ordem para a representação e disseminação do que era produzido, como sintetizam *Cesarino e Pinto* (1978):

- a) os títulos dos documentos não representavam adequadamente seus assuntos;
- b) um mesmo documento passou a tratar de vários assuntos, tendo em vista a interdisciplinaridade das ciências, o que dificultou sua representação;
- c) as subdivisões de assunto continuavam problemáticas pela ausência de regras para sua aplicação;
- d) documentos que relacionavam os assuntos a lugares e épocas diferentes tinham representação inconsistente.

A necessidade de criar um novo instrumento para dar conta desses problemas era urgente. Na Europa, seguindo a tradição das bibliografias nacionais adotadas na Alemanha e nos catálogos das bibliotecas inglesas, a tendência era o uso dos catálogos sistemático e alfabético-por-classes. Neste último, se alguém estivesse interessado em documentos sobre “tuberculose”, por exemplo, deveria procurar no termo de entrada correspondente ao assunto, mas numa ordenação superior, assim: como tuberculose é uma espécie de doença contagiosa, a busca deveria ser feita pela classe onde a tuberculose se insere e não pelo termo indicativo da espécie. Então, a entrada no catálogo seria: doença contagiosa – tuberculose. O exemplo explica porque as bibliotecas na Europa se destinavam ao público erudito, que, pressupunha-se, dominava as particularidades de cada ciência, ou seja, nesse caso, o usuário deveria saber de antemão que tuberculose é uma doença contagiosa, para poder fazer sua busca pela classe.

Porém, também no século XIX, os Estados Unidos da América (EUA) consideraram as bibliotecas instituições fundamentais à cultura do público em geral, devendo, pois, contribuir para o desenvolvimento educacional de cada indivíduo, e não mais somente para os eruditos.

Isso representou a democratização da informação. As bibliotecas passaram a oferecer novos produtos e serviços para facilitar o usuário em suas buscas. Os bibliotecários passaram a desempenhar novas funções e nova “vigilância” sobre o catálogo, peça fundamental para consulta nas bibliotecas, por permitir acesso à totalidade de suas coleções a partir de diversos pontos, ou seja, por tantos assuntos quantos o documento tratasse.

Foi nesse contexto ideológico que se deu a grande inovação da época: o catálogo-dicionário, surgido em 1876, em contraposição aos catálogos alfabético-por-classes e sistemático, usados nas bibliotecas inglesas e des-

tinados ao público erudito, como já dissemos aqui. O catálogo-dicionário será tratado adiante.

Mais tarde, *Ranganathan*, um dos expoentes da Biblioteconomia, ratificaria esse pensamento democrático em relação às bibliotecas, afirmando serem as mesmas para todos, quando enunciou, em uma de suas Leis da Biblioteconomia: “a cada leitor, seu livro”.



Multimídia

Conhecimento nunca é demais!

Quadro 4 - As cinco leis da Biblioteconomia (*Ranganathan*)

As cinco leis da Biblioteconomia

(*Ranganathan*)

1. Livros são escritos para serem lidos.
2. A cada leitor, o seu livro.
3. A cada livro, o seu leitor.
4. Poupe o tempo do leitor.
5. A biblioteca é um organismo em crescimento.

Fonte: *Ranganathan* (1967).

Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) é uma personalidade interessante, que revolucionou os caminhos da Biblioteconomia. Nascido na Índia, foi matemático e bibliotecário, mas, acima de tudo, um grande observador, com natureza altamente criativa.

Era também um profissional extremamente politizado e, como professor, preocupava-se com o ensino e a pesquisa em seu país. Graduou-se e pós-graduou-se em Matemática na *Universidade de Madras*, onde um dos requisitos para preencher o cargo de bibliotecário era estudar Biblioteconomia na Grã-Bretanha. Diante dessa exigência, ele ingressou na *Escola de Biblioteconomia na College University*, em Londres.

As cinco leis da Biblioteconomia, instituídas por *Ranganathan* em 1931, vigoram até os dias atuais.

Vale a pena saber mais sobre *Ranganathan*. Acesse o site: <<http://www.conexao rio.com/bit i>> e consulte os artigos “A gênese do pensar de *Ranganathan*” e “Revisitando *Ranganathan*: a classificação na rede.”

Semestre

4

Mas você deve estar se perguntando: qual a diferença entre o catálogo-dicionário, o alfabético-por-classes e o sistemático? Veja a diferença, compare a definição dos três instrumentos e avalie qual é mais fácil para qualquer pessoa utilizar:

Catálogo sistemático

Catálogo cuja entrada é feita por uma notação previamente fixada a partir de um sistema de classificação, que representa o assunto do documento.

Ex.: 869.93 (na CDD, esse número representa o assunto “romance brasileiro”).

Catálogo alfabético-por-classe

Catálogo cuja entrada é feita por um assunto representativo de uma classe, com subdivisões específicas de classes subordinadas.

Ex.: RELIGIÃO – BUDISMO (no catálogo-dicionário, a entrada seria direta por BUDISMO).

Catálogo-dicionário

Catálogo cuja entrada é feita diretamente pelo assunto tratado no documento, sem ser subordinado a outro termo representativo de uma classe mais ampla.

Ex.: ARGILA, e não PRODUTO DE ORIGEM MINERAL – ARGILA.

2.5.1 Cabeçalho de assunto: o que é?

É comum haver confusão entre os termos “cabeçalho de assunto” e “lista de cabeçalhos de assunto”; muitas vezes, um termo é tomado pelo outro. Por isso, nunca é demais esclarecer o significado de cada um.

Chamamos de “lista” o conjunto de cabeçalhos de assunto ordenados alfabeticamente, com regras para sua aplicação, constituindo-se em um instrumento de representação temática da informação.

E o cabeçalho de assunto, o que é? Veja, a seguir, seu conceito.



Atenção

Cabeçalho de assunto é uma palavra ou grupo de palavras que representam os conteúdos dos temas abordados num documento. Um conjunto de cabeçalhos de assunto forma uma lista de cabeçalhos de assunto.

2.5.2 Como surgiu o cabeçalho de assunto?

O sistema de cabeçalhos de assunto foi amplamente utilizado nas bibliotecas dos EUA a partir da segunda metade do século XIX e em outros países do mundo ocidental e oriental, desde então. Apesar de suas inconsistências, a *Lista de Cabeçalhos de Assunto da Biblioteca do*

*Congresso dos Estados Unidos (LCSH)*⁹, ponto de partida para todos as demais existentes, continua a ser usada por muitas bibliotecas do mundo, inclusive no Brasil, haja vista a inexistência de outro sistema que dê conta do tratamento dos assuntos dos documentos de forma mais abrangente.

Todo sistema de indexação para recuperação por assuntos, seja ele pré ou pós-coordenado – conceitos já vistos mas que serão aprofundados mais adiante – é determinado pela tecnologia existente em sua época. No caso do cabeçalho de assunto, a tecnologia consistia nas fichas catalográficas e nos catálogos impressos (fichários). Os catálogos eram o repositório das fichas catalográficas (representação dos documentos de natureza monográfica existentes nas coleções das bibliotecas e já tratados), e a unidade de representação dos temas dos documentos era a palavra.

No cabeçalho de assunto, as palavras são coordenadas antes mesmo de serem utilizadas. Nele, a primeira palavra do cabeçalho colocado nas fichas catalográficas (principal e secundárias) revelou-se da máxima importância, já que a era o único ponto de acesso para a recuperação do documento. Por exemplo, uma monografia que tratasse de “acidentes aéreos”, cujo cabeçalho de assunto atribuído a ela tivesse sido AVIAÇÃO – ACIDENTES, só seria recuperada pela palavra AVIAÇÃO, único ponto de acesso para se chegar até ela. O subcabeçalho ACIDENTES, pré-coordenado a AVIAÇÃO, ajudava a contextualizar esse assunto, mas não se constituía em uma entrada para busca.

2.5.3 A sistematização do cabeçalho de assunto

Dentro do espírito democrático da época, o norte-americano **Charles Ammi Cutter** tomou a iniciativa de sistematizar as entradas dos cabeçalhos de assunto usados na *Library of Congress (LC)*. Cutter não era simpático ao catálogo alfabético-por-classe, usado na Europa. Ele entendia que o usuário formulava suas buscas seguindo a ordem natural da linguagem, e não a partir de classes gerais com subdivisões. Ou seja, o usuário que quisesse obter informação sobre “ouro” não faria sua busca por MINERAIS PRECIOSOS – OURO, ele a faria diretamente pelo assunto OURO. Além disso, a subdivisão do assunto era a principal característica do catálogo alfabético-por-classes.¹⁰

Estes dois motivos somados – entradas no catálogo por classes e o catálogo caracterizado por subdivisões – levaram Cutter a abolir o princípio da subdivisão em seu trabalho sobre cabeçalhos de assunto, a não ser para casos em que a entrada fosse nome de lugar (país, cidade etc.), ex.: BRASIL–FOLCLORE. A grande característica e vantagem do catálogo-dicionário seria, então, a entrada direta pelo assunto tratado no documento, sem intermediação de outro assunto qualquer. Isso possibilitou o acesso ao catálogo por qualquer assunto específico desejável, e não de forma indireta, via classe.

O raciocínio de Cutter era lógico, afinal, quando nos expressamos por meio da linguagem, falamos em ordem direta, e não invertida. Apesar disso, as inversões e subdivisões existem por aí nas listas de cabeçalhos de assunto. Ex: MOEDA, DESVALORIZAÇÃO DA; ESTRADAS DE FERRO–ACIDENTES. Convenhamos, essa não é a forma comumente usada para nos comunicarmos! Se você ainda não teve oportunidade de consultar a LCSH ou outras listas de cabeçalhos de assunto, experimente consultar uma e constate o que foi dito anteriormente.

⁹ Nesta disciplina, a Lista de Cabeçalhos de Assunto da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos será referida como LCSH ou, simplesmente, Lista.

¹⁰ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CharlesAmmiCutter_BostonAthenaeum.png>.

Charles Cutter

Figura 15 - Charles Cutter



C. A. Cutter

Fonte: Wikimedia Commons (1907).¹⁰

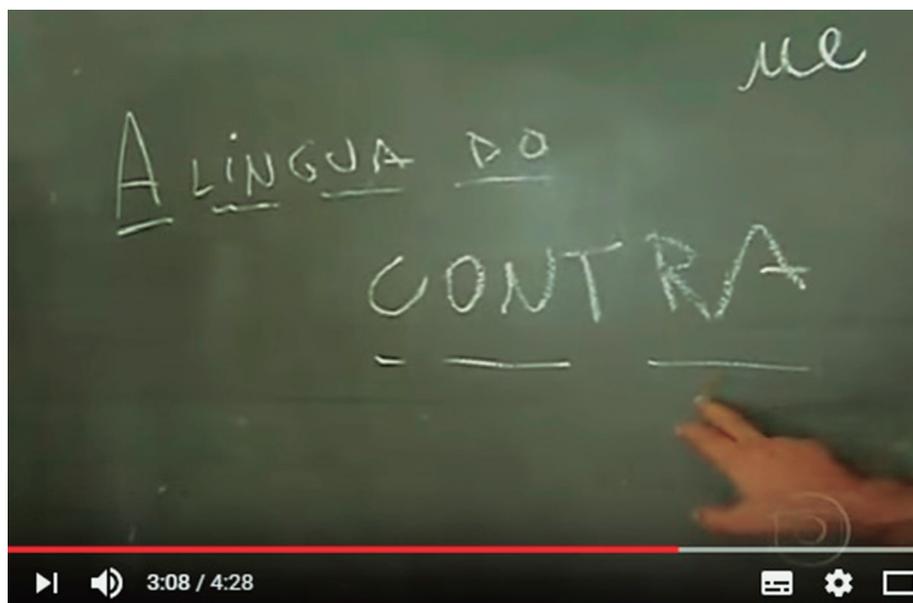
Charles Ammi Cutter nasceu em Boston, em 1837. Entrou na *Harvard Divinity School* em 1856, onde foi nomeado assistente bibliotecário, ainda como estudante. Graduou-se em 1859 e em 1860 já era bibliotecário catalogador. Em 1868, a *Biblioteca Athena*, em Boston, elegeu-o chefe bibliotecário, onde permaneceu por 25 anos. Em 1876, Cutter foi convidado pelo *Ministério da Educação* norte-americano para investigar a situação das bibliotecas estadunidenses. Concluiu esse trabalho com um extenso relatório, incluindo inovações que têm pleno vigor no século atual. Ainda em 1876, Cutter criou o catálogo-dicionário, baseado nos princípios da especificidade e da entrada direta, e apresentou o *Rules for a Dictionary Catalog (Regras para um Catálogo-Dicionário)*. Foi editor da revista *Library Journal* de 1891 a 1893. Faleceu em 1903.



Multimídia

Falar em ordem invertida? Acredite se quiser!

Figura 16 - Cena da reportagem sobre Sabino - SP



Fonte: Youtube (2010).

Por incrível que pareça, existe uma cidade no Brasil em que as pessoas falam normalmente de trás para frente e conseguem se entender. Você seria capaz de se comunicar dessa maneira? Veja a reportagem veiculada no *link*: <www.youtube.com/watch?v=MUZiBe8E8z0>.

Para pensar...

Apesar de, em Sabino, as pessoas conseguirem se comunicar em uma linguagem falada de trás para frente, essa não é a forma usual de comunicação. Sendo assim, por que um vocabulário usado para representar e recuperar a informação deve se valer de inversões e subdivisões?

Em 1876, *Cutter* fez as primeiras tentativas de sistematização do catálogo-dicionário, novo instrumento de registro e acesso à informação, resultando no *Rules for a Dictionary Catalog (Regras para um Catálogo-Dicionário)*. Ele estabeleceu diretrizes para a representação dos assuntos (o cabeçalho), mas não apresentou regras para construir o vocabulário: desde o início, a construção de novos cabeçalhos é prerrogativa da LC. Ao mesmo tempo, o cabeçalho buscava atuar – e ainda hoje é assim – como forma complementar (ou índice) da *Library of Congress Classification*, uma

vez que, em sua *Lista*, cada cabeçalho remete ao código de classificação correspondente.

Uma das primeiras medidas na construção dos cabeçalhos foi abandonar o modelo alfabético-por-classes: para o público geral, a entrada deveria ser direta, sem subdivisão.

Outras tentativas de sistematização (*Prévost*, em 1946; *Coates*, em 1960; *Schwartz*, em 1886) seguiram-se às de *Cutter* para resolver o problema da entrada direta dos cabeçalhos (GOMES; MARINHO, 1984). No entanto, nenhuma delas foi bem-sucedida, tendo sido rejeitadas ou ignoradas. Isso fez com que o número de subdivisões e inversões aumentasse, sacrificando os usuários e obrigando-os a percorrer o catálogo “catando” todas as entradas que julgassem úteis para suas buscas.



Multimídia

Figura 17 - Saber mais um pouco nunca é demais...



Fonte: Pixabay (2016).¹¹

Você pode saber detalhes das tentativas feitas para a sistematização de entradas dos cabeçalhos de assunto, bem como sobre os critérios para o uso de subdivisões, consultando o trabalho “Introdução ao estudo do cabeçalho de assunto”, de Hagar Espanha Gomes e Marcílio Teixeira Marinho, no site: <http://www.conexaorio.com/bit/cabecalho/cab_ass.htm>.

O fato de *Cutter* ter sido convidado pelo *Ministério da Educação* do governo norte-americano, em 1876, para investigar a situação das bibliotecas nos EUA certamente deu-lhe subsídios para o trabalho que desenvolveria naquele mesmo ano: estabelecer regras para a compilação/construção de catálogos alfabéticos de assunto. Antes disso, não havia critérios para a atribuição de cabeçalhos aos documentos, a indexação era feita com base no julgamento de cada indexador.

¹¹ Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/homem-leitura-livro-óculos-ponto-1424877>>.

Cutter descartou esquemas de classificação hierárquica, enciclopédicos, e só manteve o princípio da pré-coordenação dos termos (que estabelece a conjugação entre termos para representar assuntos de interesse do leitor numa busca). O cabeçalho já vinha pronto para uso, por exemplo: *laboratory animals; women as authors*. Já falamos, mas não é demais enfatizar, dada sua relevância para a Biblioteconomia, que seu trabalho se intitulou: *Rules for a Dictionary Catalog (Regras para um Catálogo-Dicionário)*.

É importante ressaltar que o cabeçalho de assunto foi um sistema desenvolvido especificamente para a LC, tomando por base a gramática da língua inglesa. Como decorrência disso, o cabeçalho de assunto teve seus três componentes baseados nessa língua: gramática, sintaxe (ordem dos elementos) e o vocabulário, este determinado pelo público por meio de suas buscas feitas nos sistemas. Como dito anteriormente, é importante salientar que a ferramenta foi desenvolvida para a tecnologia existente à época – o fichário, que só possibilitava a recuperação linear da informação. Um exemplo é o seguinte: se o cabeçalho de entrada estabelecido fosse “leis – interpretação”, a busca só poderia ser feita dessa maneira. Assim, alguém que quisesse um documento sobre “interpretação de leis”, teria que chegar a ele por meio daquele cabeçalho previamente estabelecido, sem chance de ser alterado na hora da busca.

Atualmente, quando pensamos em recuperar uma informação, pensamos em sistemas digitais. As novas tecnologias da informação possibilitam que se faça buscas por palavras, conjugando-as na hora da pesquisa – as chamadas buscas pós-coordenadas. Seguindo o exemplo dado, a busca num sistema automatizado poderia ser feita pelos dois termos conjugados, ou seja, “lei + interpretação” ou “interpretação + lei”, não importa a ordem dos elementos.



Multimídia

Velhos tempos, novas-velhas ideias!

Figura 18 - Catálogo de fichas



Fonte: Pixabay (2012).¹²

¹² Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/catálogo-de-cartão-gavetas-madeira-194280>>.

Há algum tempo, entende-se que a principal meta a ser atingida quando se desenvolvem sistemas de informação é fazer com que o usuário fique satisfeito com o resultado de suas buscas. É cada vez maior a noção de que o sistema deve ser usuário-orientado. A democratização da informação, no século XIX, fez com que o usuário se tornasse o foco de atenção das bibliotecas e outros serviços de informação. *Cutter*, em 1876, considerou essa ideia como ponto de partida para seu trabalho: observou o usuário comum e seus hábitos de pesquisa e desenvolveu uma nova tecnologia a partir do usuário e para ele. Você não achou *Cutter* inovador? Quer saber mais sobre ele? Visite o *site*: <<https://prezi.com/tz-8l1lcb9hv/charles-ammi-Cutter/>>.

2.5.4 Princípios de *Cutter* para cabeçalhos de assunto

Cutter achava que a indexação deveria ser feita de forma consistente, de acordo com regras pré-estabelecidas. Segundo ele, a inexistência de regras resultava na desorientação total, tanto do indexador quanto do usuário. Por um lado, o indexador indexava com o termo que melhor lhe aprouvesse. Por outro, o usuário buscava a informação desejada pelo termo que ele imaginava ser o mais conveniente para sua busca. Isso diminuía drasticamente a possibilidade de uma busca satisfazer sua necessidade de informação. Na ausência de regras, tanto fazia procurar sob um termo ou outro, à semelhança do que faziam os indexadores na hora da indexação, quando atribuíam termos aos documentos aleatoriamente.

Para sanar essa situação, melhor seria haver um instrumento com uma série de decisões já tomadas para as entradas dos cabeçalhos. Assim, indexadores teriam maior chance de decidir usar o cabeçalho mais adequado a cada situação e, havendo uma entrada já pré-estabelecida, os usuários não precisariam gastar seu tempo imaginando todas as formas possíveis de entrada. Por exemplo, em vez de imaginar se uma busca deveria ser feita por “tangerina”, “bergamota” ou “mexerica”, o vocabulário já indicaria a entrada por “tangerina”, com remissiva para os outros termos, caso esse tivesse sido o escolhido para representar a fruta no vocabulário. Nesse caso, a entrada do cabeçalho ficaria assim: Bergamota USE TANGERINA; Mexerica USE TANGERINA.

Três princípios básicos criados por *Cutter* nortearam o estabelecimento das regras para a elaboração de cabeçalhos de assunto: o uso, a entrada direta e o princípio sindético, como veremos a seguir:

a) princípio do uso:

Regras 167-175: Você se lembra que o *Catálogo-Dicionário* foi feito para a *Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos*? Então, *Cutter* dizia que, além de o uso ser o supremo árbitro – nesse caso, não o uso do catalogador – mas o do público, ao falar de assuntos –, os cabeçalhos seriam aqueles em torno dos quais haveria consenso quando fossem procurados pela maioria dos americanos com formação escolar. Desse modo, a forma preferida para entrada dos cabeçalhos seria a usada pelo usuário.

Cutter formulou esse princípio visando as bibliotecas americanas, mas ele pode e deve ser adotado quando se organiza o vocabulário de qualquer SRI. Contudo, o princípio não exclui a necessidade de

analisar fatores que podem influenciar a escolha de um cabeçalho, por exemplo:

- tipo de serviço de informação para o qual o vocabulário é desenvolvido (se para uma biblioteca geral ou especializada, se escolar ou empresarial);
- público a que se destina (cidadão comum ou especializado);
- região geográfica onde o serviço está localizado.

É claro que o vocabulário vai variar de acordo com cada uma dessas circunstâncias. No caso brasileiro, por exemplo, muita atenção deve ser dada aos regionalismos ao se estabelecerem vocabulários de entrada num sistema, como no caso do termo "abóbora". Se você consultar um dicionário, verá que existem vários outros termos considerados sinônimos: "abobra", "bobra", "jerimu", "jerimum".

Que decisão você tomaria nesse caso? Que termo escolheria para a entrada do cabeçalho, se todos são equivalentes? Na região em que moro, o legume é chamado "abóbora"; e onde você mora, como ele é chamado?;

b) princípio da entrada direta específica:

Regra n.º 161: Você deve lembrar que falamos que *Cutter* não simpatizava com o catálogo alfabético-por-classe usado na Europa. Pois bem, ele estabeleceu que um documento deveria ser indexado diretamente pelo assunto específico de que tratava, e não pela classe a que estivesse subordinado. Por exemplo, em um documento sobre "carência de potássio no organismo humano", um dos termos indexadores deveria ser POTÁSSIO, e não "metal alcalino" (termo correspondente à classe a que o elemento químico "potássio" pertence).

Porém, *Cutter* também disse que, quando não se pudesse representar o assunto por uma única palavra, o problema seria contornado de várias maneiras. Aqui começaram as inconsistências dos cabeçalhos de assunto, apesar das regras propostas!

Cutter observou que alguns assuntos seriam representados por expressões formadas por mais de uma palavra e apresentou propostas de entradas diretas para os casos elencados abaixo, sem perder de vista que todo o trabalho de *Cutter* foi desenvolvido com base na gramática da língua inglesa:

- b.1) substantivo precedido de adjetivo. Exemplo: *Ancient history*; *Capital punishment*; *Moral philosophy*;
- b.2) substantivo ligado a outro por preposição. Exemplo: *Penalty of death*; *Fertilization of flowers*;
- b.3) substantivo precedido de outro substantivo usado como adjetivo. Exemplo: *Death penalty*; *Flower fertilization*;
- b.4) substantivo ligado a outro pela conjunção *and*. Exemplo: *Church and State*;
- b.5) frase ou sentença. Exemplo: *Women as authors*; *Insect as carriers of plant diseases*.



Explicativo

O vento que venta lá não venta cá!

Figura 19 - Línguas diferentes, sintaxes diferentes



Fonte: Pixabay (2013, 2014).¹³

Por que os exemplos apresentados estão em inglês? Porque as línguas têm sintaxes diferentes, ou seja, a ordem dos elementos é diferente em cada expressão linguística. Então, o que se aplica a uma não se aplica à outra, necessariamente. Em inglês, na maioria dos casos, o adjetivo precede o substantivo, caracterizando-o, por ex.: *Ancient history*. Já em português, os substantivos é que precedem os adjetivos, por exemplo: História antiga. Como estamos tratando do trabalho de *Cutter*, desenvolvido com base na língua inglesa, e queremos mostrar que sua tentativa de sistematização para a formulação de cabeçalhos deixou brechas para inconsistências, os exemplos devem ser dados em inglês. Você encontrará exemplos também inconsistentes em português, no estudo “Sistematização da sintaxe de cabeçalho de assunto”, de *Lecy Maria Caldas Tôrres*, quando a autora fala da *Lista de Cabeçalho de Assunto do Sistema Bibliodata (LCASB)*.

Visite o site: <<http://www.conexaorio.com/bitil/lecy/lecy.htm#5.1>> e confira.

Como dito, as saídas dadas por *Cutter* geraram inconsistências. Volte às propostas b.2 e b.3 desta subseção e as compare. Notou algo estranho? Reparou que os cabeçalhos, embora com o mesmo significado, teriam entrada dupla: *Penalty of death* e *Death penalty*; *Fertilization of flowers* e *Flower fertilization*?

Por sua vez, a proposta b.4 sugere a ligação de dois assuntos que podem estar relacionados, mas que têm significados completamente diferentes. Por que juntá-los com a conjunção “e”?

Qual a explicação para casos como esses? As listas de cabeçalhos de assunto na língua portuguesa também estão repletas de inconsistências derivadas desse princípio, por exemplo, os cabeçalhos “Trabalho e trabalhadores”, “Insetos úteis e noci-

¹³ Primeira imagem: Cristo Redentor. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/cristo-cristo-redentorcorcovado-518004>>; segunda imagem: Estátua da Liberdade. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/estátua-daliberdade-nova-iorque-ny-267948>>.

vos”, “Igrejas e catedrais”, “Costumes e cerimônias”, além de vários outros.

A proposta b.5 orienta que, numa frase ou sentença, a entrada deva ser feita pela palavra julgada mais significativa. Ora, o julgamento de significância é absolutamente pessoal, subjetivo. Você pode concluir que espécie de inconsistência essa proposta geraria? Se concluiu que é impossível haver consenso sobre o que é mais significativo e que a proposta é completamente arbitrária, acertou.

No exemplo dado na proposta b.5, a palavra “inseto” foi julgada mais significativa. Talvez sim, para um serviço de informação especializado em Zoologia. E se “doenças das plantas” for mais significativo para um serviço de informação em Botânica? Quem estaria com a razão? Nunca é demais lembrar que os sistemas devem existir em função de sua clientela! Como veremos na Unidade 3, conceitos variam de acordo com os contextos informacionais.

Além das regras relativas à sintaxe da língua inglesa, outras também deram origem a inconsistências.

A regra n.º 164, por exemplo, diz respeito à entrada para assuntos tratados em determinado local. Ela diz que, quando se tratar de tópico estudado com referência a um local, o único método satisfatório será uma entrada dupla: uma para o local, outra para o assunto científico. Ex.: um documento sobre o “ensino no Brasil” teria duas entradas: BRASIL – ENSINO; ENSINO – BRASIL.

Já a regra n.º 165 é relativa à subdivisão para assuntos tratados com referência a algum local. Essa regra estabelece que um assunto geral, estudado com referência especial a algum estado, país ou qualquer outro lugar, deveria entrar pelo local e os cabeçalhos constituiriam a subdivisão. É importante notar que a subdivisão foi permitida apenas nesses casos, quando a entrada for um local. Ex.: um documento sobre as “estátuas de Belo Horizonte” teria somente uma entrada: BELO HORIZONTE – ESTÁTUAS.

A regra n.º 175 tem a ver com a inversão de cabeçalho. Ela estabelece que, se um assunto for expresso por várias palavras, a entrada deve ser feita pela primeira, fazendo-se inversão da frase somente quando outra palavra for decididamente mais significativa, ou quando tal palavra tiver sido usada independentemente, com o mesmo significado do cabeçalho. Ex.: qual deveria ser a entrada para um documento sobre “Bandas de música”? Diretamente por essa expressão ou de forma invertida: MÚSICA, BANDAS DE, ou simplesmente MÚSICA – BANDAS? Reparou que caímos, outra vez, na questão da significância? O que é mais significativo para você pode não ser para mim, não é mesmo?

Ao permitir entradas diretas e entradas invertidas, *Cutter* deixou caminho aberto para inconsistências dos cabeçalhos de assunto e não conseguiu sanar os problemas da subdivisão;

c) princípio sindético:

A ordem alfabética do catálogo-dicionário compromete a reunião de assuntos com significados correlatosque, eventualmente, poderiam ser do interesse em uma busca, mas que não serão pesquisados por estarem dispersos no catálogo; a ordem alfabética não agrega termos com significados próximos. Como exemplo, podemos citar os assuntos “braçadeira”, “jarreteira”, “penacho alçado” e “tornozeleira” (todos relativos a adornos corporais indígenas), que, se dispostos em ordem alfabética, estariam completamente separados no catálogo.

Ao mesmo tempo, ela é capaz de reunir outros assuntos, cujos significados são absolutamente díspares. Como exemplo, pode-se citar os assuntos “magia negra”, “magistério” e “magistrados”, que estariam reunidos na letra M, um após o outro, mesmo possuindo significados diferentes.

Para resolver o problema da separação de termos com significados relacionados, *Cutter* propôs o desenvolvimento, nas listas de cabeçalhos de assunto, de um sistema de referências cruzadas, denominado estrutura sindética. Essa estrutura é tradicionalmente composta de referências dos seguintes tipos:

- c.1) “ver”: destina-se a remeter um assunto não usado na lista de cabeçalhos de assunto para o adotado como entrada; o assunto que vier depois da notação “ver” será a forma adotada para uso. Essas referências normalmente são feitas em vários casos e os assuntos são considerados equivalentes, como você pode notar nos exemplos a seguir:
 - c.1.1) entre sinônimos (ex.: Abatimento VER DESCONTO; Lume VER FOGO; Insectologia VER ENTOMOLOGIA);
 - c.1.2) entre regionalismos (ex.: Culumim VER CURUMIM; Jabá VER CHARQUE);
 - c.1.3) entre o nome comercial e o genérico (ex.: Modess VER ABSORVENTE HIGIÊNICO; Gillete VER LÂMINA PARA BARBEAR);
 - c.1.4) entre uma sigla e seu nome por extenso (ex.: ONU VER ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS);
 - c.1.5) entre palavras/siglas/expressões estrangeiras e suas traduções e usos já consagrados na língua vernácula (ex.: GMAW VER SOLDAGEM MIG MAG);
 - c.1.6) entre a segunda parte de um cabeçalho formado por duas palavras ligadas pela conjunção “e”, remetendo para a primeira (ex.: Fronteiras VER LIMITES E FRONTEIRAS; Trabalhadores VER TRABALHO E TRABALHADORES)¹⁴;
 - c.1.7) entre nomes científicos e os populares (ex.: Cloreto de sódio VER SAL DE COZINHA);
 - c.1.8) entre assuntos específicos e assuntos genéricos da mesma classe (ex.: Canoa VER EMBARCAÇÃO).

¹⁴ As metodologias para a construção de Linguagens Documentárias baseadas em conceitos e não em cabeçalhos de assunto (ex.: tesouro) orientam para a inclusão de cada conceito em separado, por terem significados diferentes.

- c.2) “ver também”: destina-se a agregar assuntos correlatos. Os assuntos mencionados após a notação “ver também” são assuntos sugeridos que, eventualmente, poderiam interessar ao usuário.

Ex.:

FUNCIONÁRIOS

Ver também: DEMISSÃO, DIARISTAS, EFETIVAÇÃO, ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIOS, NOMEAÇÃO;

CAPITAL

Ver também: BANCOS; CAPITALISMO, DINHEIRO, ECONOMIA, JUROS.

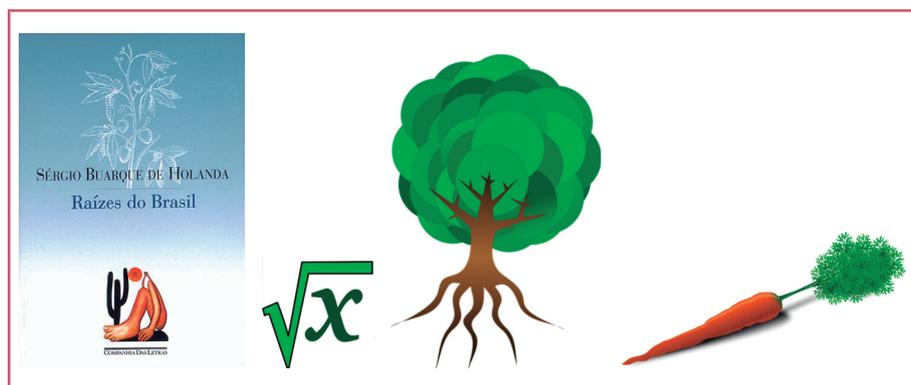


Explicativo

Que sinuca! Que assunto devo atribuir?

Atribuição de assuntos

Figura 20 - Tem tanta coisa que é raiz! Onde encaixar este livro?



Fonte: Wikimedia Commons (2008) e Pixabay (2012, 2012, 2013).¹⁵

Embora não fosse uma regra, *Cutter* ainda alertou para o erro de se atribuir um cabeçalho de assunto tomando por base somente o título, e afirmou: “o título governa o catálogo de títulos”. Com isso, ele quis dizer que o título não se presta a um catálogo de assunto, porque nem sempre representa o assunto tratado no documento. *Cutter* tem toda a razão. É muito comum encontrar documentos em bases de dados indexados erradamente, e alguns desses erros devem-se, exatamente, à atribuição do assunto a partir da leitura só do título. Um caso célebre ocorrido numa biblioteca brasileira foi o livro *Raízes do Brasil*, do historiador brasileiro *Sérgio Buarque de Holanda*, que foi indexado sob o termo “Botânica”. Fica claro que o indexador só se fixou na palavra “raízes”! E é claro, também, que quem procurou o livro sob os

¹⁵ Primeira imagem: livro *Raízes do Brasil*. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ra%C3%ADzes_do_Brasil.jpg>; segunda imagem: Raiz quadrada matemática. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/raizquadrada-matemática-verde-27895/>>; terceira imagem: Árvore. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/árvore-ramos-raízesesqueleto-153964/>>; quarta imagem: Cenoura. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/cenoura-raiz-vegetaisorange-33625/>>.

termos HISTÓRIA, CULTURA ou SOCIOLOGIA brasileiras – que são os assuntos de que o livro realmente trata – jamais o encontrou!

Banque o *Sherlock Holmes* e faça a Atividade a seguir!

Figura 21 - *Sherlock Holmes*



Fonte: Pixabay (2014).¹⁶



2.5.5 Atividade

Se você é um bom observador, já deve ter percebido que as propostas de *Cutter* não tiveram bem o final que ele desejou. Os resultados ficaram longe de seu propósito de facilitar as vidas do indexador e do usuário, eliminando entradas indiretas. Pelo contrário, elas criaram muito mais inconsistências do que soluções.

Antes de mais nada, releia as regras citadas no texto, observe bem cada uma delas e as compare. Agora, vamos ao trabalho e descubra:

Utilize o quadro a seguir para suas respostas:

1. Qual a inconsistência das propostas b.2 e b.3 da regra 161?	
2. Qual o paradoxo existente entre as propostas das regras 161 e 175?	

¹⁶ Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/sherlock-holmes-detetive-462978>>.

3. Em que as regras 164 e 165 se chocam?	
--	--

Resposta comentada

1. As propostas introduzem inconsistências por permitirem que um único assunto possa ter duas estruturas de cabeçalho, dando lugar a duas entradas diferentes no catálogo. Já vimos que isso acarretará que a informação sobre um mesmo assunto fique dispersa. Nesse caso, poderia ocorrer de 50% da informação sobre fertilização de flores, por exemplo, ficar indexada sob "*Fertilization of flowers*" e os outros 50% sob "*Flowers fertilization*." Embora os dois cabeçalhos signifiquem a mesma coisa, os assuntos estão representados de duas formas diferentes.
2. A proposta b.5 da regra 161 diz respeito a frases/sentenças, que, independentemente de quantas palavras as formem, deveriam sempre entrar de forma direta. Nos exemplos do texto, "*Women as authors*" (Mulheres como autoras) e "*insects as carriers of plant diseases*" (insetos como condutores de doenças das plantas), as entradas permaneceriam exatamente nessa ordem, ou seja, na ordem em que se fala. Contudo, a regra 175 estabelece para o mesmo caso que a entrada seja feita pela primeira palavra, fazendo inversão da frase somente quando outra palavra for decididamente mais significativa. Ora, no primeiro exemplo, o que é mais significativo, "mulher" ou "autora"? No segundo exemplo, qual a palavra mais significativa, "inseto", "condutores de doenças" ou "doenças das plantas"? O problema é que *Cutter* não explicou o que é uma palavra "mais significativa". Pergunta-se: mais significativa para que público? Para qual serviço de informação? Como *Cutter* aplicou em uma regra um conceito tão abstrato? Claro que as entradas ficariam ao sabor dos indexadores, afinal, o que é significativo para você pode não ser para mim.
3. A inconsistência das regras 164 e 165: as duas dizem respeito a assuntos estudados com referência a um local determinado (país, estado, cidade etc.). A diferença é a seguinte: a regra 164 estabelece que duas entradas sejam feitas, uma pelo assunto e outra pelo local a que o assunto se refere. Ex.: um documento sobre religiões brasileiras teria duas entradas no catálogo: 1- Religião – Brasil. 2- Brasil – Religião. Já a regra 165 prescreve para o mesmo caso uma única entrada, com subdivisão pelo local: Brasil – Religião. Como você viu, todas as inconsistências têm resultados insatisfatórios na recuperação da informação. Todas elas levam a sua dispersão, o que faz com que o usuário nunca recupere a totalidade da informação disponível na base de dados.

Parabéns se acertou alguma das respostas!

2.5.6 Tipologia dos cabeçalhos de assunto

Quanto à forma dos cabeçalhos de assunto, as listas incluem, comumente:

- a) cabeçalhos de uma só palavra (ex.: Diplomacia);
- b) cabeçalhos de duas palavras, com assuntos muito relacionados ou opostos unidos pela conjunção “e” (ex.: Trabalho e capital; Caça e caçada);
- c) frases (ex.: Terapia ocupacional para criança);
- d) frases invertidas com suas palavras separadas por vírgula (ex.: Justiça criminal, Administração);
- e) substantivos seguidos de adjetivos (ex.: Literatura brasileira);
- f) nomes de indivíduos encabeçando trabalhos biográficos e crítica (ex.: Bilac, Olavo – Biografia);
- g) palavras seguidas de uma explicação, entre parênteses [ex.: Composição (Musical)].

2.5.7 Características das listas de cabeçalhos de assunto

Figura 22 - Ordem alfabética: vantagem ou desvantagem na busca de informação?



Fonte: Pixabay (2013).¹⁷

Podemos dizer que as principais características das listas de cabeçalhos de assunto são:

- a) linguagens alfabéticas: as listas de cabeçalhos de assunto são linguagens alfabéticas que usam termos da própria linguagem natural; incluem, também, mecanismos de controle de sinônimos, homógrafos e outros. Elas determinam uma ordenação alfabética para os arquivos.

O que você acha de listagens em ordem alfabética? Considera vantagem ou desvantagem para quem faz uma busca para obter informação?

Bem, vamos considerar que a ordem alfabética seja do conhecimento da maioria das pessoas; que alfabetar é uma tarefa que aprendemos

¹⁷ Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/alfabeto-letras-deixar-75669>>.

desde cedo e que, portanto, estamos familiarizados com essa ordem, que é de fácil manuseio. Vista por esse ângulo, podemos concluir que a ordem alfabética é, sim, uma vantagem.

Porém, quando se trata de uma lista de cabeçalhos de assunto, que se propõe a facilitar o uso tanto para quem trata o documento (indexador), como para quem o procura (usuário), outra forma de apresentar os termos que compõem essa lista seria necessária. Essa alternativa teria a função de tornar possível a visualização ampla e completa do universo dos cabeçalhos incluídos, classificados e organizados segundo um ou mais critérios. Estamos falando de um arranjo sistemático, previsto na apresentação de outras LD, como na de um tesouro, por exemplo.

Outra desvantagem do arranjo alfabético, já abordada anteriormente, quando falamos das funções de um vocabulário controlado (Unidade 1, seção 1.6), é que a simples ordenação alfabética dispersa termos próximos de significado, empobrecendo as buscas;

- b) linguagens pré-coordenadas: no cabeçalho de assunto, as palavras/expressões que formam os cabeçalhos são predeterminadas e combinadas antes de seu uso na entrada e saída de dados no sistema. A síntese dos assuntos é representada pelos subcabeçalhos (palavras ou expressões acrescentadas às entradas, geralmente por meio de traços), pelo uso de conectivos (conjunções, preposições) ou por vírgula (no caso de cabeçalho invertido).

Os seguintes cabeçalhos, citados por Ferraz (1977) e pela LC (2015), servem como exemplos:

- Química médica e farmacêutica;
- Literatura – Estudo e ensino;
- Rio de Janeiro – Vida social e costumes;
- Pontes e viadutos;
- *Government corporations – Finance*;
- Terra Indígena Wedezé (*Brazil*);
- *Brazil – Terra Indígena Wedezé*;
- *Refuse and refuse disposal*;
- *Recreation areas – Washington (State)*;
- *Washington (State) – Fishtrap Recreation Area*;
- *Automobiles – Motors – Carburetors*;
- *Philosophy, French*.

Tanto quanto a ordenação alfabética das listas de cabeçalhos de assunto, a pré-coordenação dos cabeçalhos também tem prós e contras.

Sua vantagem é o fato de os cabeçalhos de assunto serem formados por elementos pré-conjugados, fato que determina maior detalhamento do assunto buscado, ocasionando maior precisão na busca. Por exemplo, se a pesquisa é sobre “crime contra a administração pública” e o vocabulário tem exatamente esse termo, sorte do pesquisador!

Reparou que nesse cabeçalho os assuntos “crime” e “administração pública” foram coordenados previamente por meio da preposição “contra” e do artigo “a”, formando uma frase que não deixa margem a dúvidas quanto ao sentido do cabeçalho? Esse nível de pré-coordenação é que assegura a maior precisão na busca. Nesse caso, se o usuário estivesse buscando documentos sobre aquele assunto, a chance de ele ter sua necessidade de informação satisfeita seria grande.

- c) linguagens prescritivas: a pré-coordenação torna os cabeçalhos de assunto linguagens prescritivas, o que poderia ser considerado uma de suas desvantagens. O que isso quer dizer? Nelas, os cabeçalhos já estão escolhidos, pre-determinados e estão ali para serem usados exatamente como da forma indicada, sem possibilidade de modificação. Vamos aproveitar o exemplo dado anteriormente: “Literatura – Estudo e ensino”. Suponhamos que determinado serviço de informação tivesse um documento sobre “ensino de literatura nas escolas do estado do Rio de Janeiro”. Um dos cabeçalhos a serem escolhidos para representar esse documento teria que ser exatamente o constante da lista de cabeçalhos de assunto: “Literatura – Estudo e ensino”. Você acha que esse cabeçalho seria satisfatório, mesmo o documento não abordando nada específico relativo a “estudo”? Pare e pense um pouquinho sobre isso.

Agora, faça outra pergunta a você: por que o termo “estudo” foi atrelado a “ensino” pela conjunção “e”, se são dois termos com significados diferentes? E o que me diz sobre “pontes e viadutos”, outro exemplo dado anteriormente? Por que esses termos não são entradas separadas? Não são casos intrigantes? Assim como esses, as listas de cabeçalhos de assunto estão cheias!

Que tal você mesmo verificar isso? Vamos, consulte um dicionário e veja o que os termos significam! Veja se descobre alguma razão para termos com significados tão diferentes serem colocados juntos, pré-coordenados. Aproveite e descubra outros casos semelhantes na *LCSH*;

- d) redução das possibilidades de busca: o fato de os cabeçalhos serem linguagens prescritivas reduz as chances de busca do usuário, não lhe dando autonomia para manejar sua busca como quiser. Ele tem que usar aquele e só aquele cabeçalho, que já vem atrelado, em grande parte das vezes, a outro. Como afirma *Cesarino* (1978, p. 276-277):

A pré-coordenação reduz as chances de o usuário modular sua pesquisa, tornando os cabeçalhos de assunto sistemas fechados de recuperação da informação.

Vamos observar melhor o cabeçalho “Química médica e farmacêutica”. E se o usuário quiser pesquisar somente sobre “química farmacêutica”? Ele não tem opção de separar os dois assuntos na hora da busca. Terá que pesquisar tudo o que estiver indexado com aquele cabeçalho e separar somente os documentos relativos a “Química farmacêutica”. Mais uma vez, assuntos diferentes foram postos juntos. Esse é mais um exemplo sobre os efeitos não desejados da pré-coordenação;

e) hierarquia pobre e assistemática: essa é mais uma característica dos cabeçalhos de assunto. Dissemos anteriormente que as listas de cabeçalhos de assunto enumeravam os cabeçalhos alfabeticamente, sem possuir uma base sistemática sólida para a construção e apresentação das relações entre palavras que têm significado próximo – e que poderiam ser alocadas em uma mesma categoria (ex.: “peças para vestuário” e “jaqueta”; “aquarela” e “tinta a óleo”). Se você consultar uma edição das listas da *LCSH* anterior aos anos 1980 e comparar com uma atual, poderá observar que as relações de proximidade entre as palavras eram indicadas, até 1979, pelo símbolo “SA”, representando a expressão “see also” (ver também) e, a partir daí, pelo símbolo “RT”, representando a expressão “related term” (termo relacionado)¹⁸. Porém, tais relações são construídas sem referencial teórico da Ciência da Informação que as justifique, como acontece em outras ferramentas de representação temática do conhecimento, por exemplo, nos tesauros.

2.5.8 Funções do cabeçalho de assunto

As funções do cabeçalho de assunto são aquelas comuns a todas as linguagens documentárias, respeitadas as características peculiares de cada uma, e já foram citadas antes, na parte consagrada às linguagens documentárias em geral. Se você está lembrado, as LD, inclusive os cabeçalhos de assunto, têm como objetivo final as seguintes funções:

- a) facilitação dos processos de indexação;
- b) recuperação dos conteúdos temáticos dos documentos.



2.5.9 Atividade

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra

Apesar das críticas negativas associadas ao uso de cabeçalhos de assunto para a indexação e recuperação da informação, devemos considerar um aspecto: porque será que eles ainda são muito usados nas bibliotecas do mundo inteiro? Será que eles realmente facilitam o processo de indexação? Certamente você observou que há aspectos positivos e negativos em sua utilização.

O que esperamos de você agora? Esperamos que você analise cada uma das afirmações relacionadas a seguir, marque as que acha que estão certas com um C e as que estão erradas com um E. Se precisar, volte ao texto.

1. () O cabeçalho de assunto é baseado na pré-coordenação de assuntos.
2. () O cabeçalho de assunto continua a ser usado porque é um sistema eficaz para a indexação/recuperação da informação.
3. () O usuário de cabeçalho de assunto tem plena liberdade de conjugar os assuntos que ele quer durante uma busca.

¹⁸ Segundo *El-Hoshy* (2001), esse e outros símbolos (“x” e “xx” – usados para remissivas) foram incorporados às listas da *LCSH* desde 1948, tornando-se padrão de suas edições e suplementos, até serem substituídos por designações usadas em tesauros, em 1980: BT (termo superordenado, mais abrangente); NT (termo subordinado, mais específico); RT (termo relacionado) e UF (termo sinônimo)

4. () No cabeçalho de assunto, o termo de entrada é sempre usado tal como falado na linguagem do dia a dia.
5. () As listas de cabeçalhos de assunto são apresentadas, geralmente, só em ordem alfabética.
6. () O cabeçalho de assunto representa os assuntos de um documento.

Resposta comentada

Se você marcou a primeira afirmação com um C, acertou. O cabeçalho de assunto é uma linguagem na qual os assuntos apresentam-se coordenados a priori. Isso quer dizer que eles devem ser usados exatamente como previstos e indicados.

Se marcou a segunda com um E, também acertou. Sua eficácia é bastante questionável. O cabeçalho de assunto continua a ser usado porque ele é a base da *LCSH* e as bibliotecas, na maioria das vezes, possuem essa lista e a usam, na falta de outros instrumentos de controle vocabular.

Não. O usuário deve utilizar os cabeçalhos que tiverem sido indicados, nos quais os assuntos já vêm pré-conjugados, prontos para uso. Você deve marcar a letra E na terceira afirmação.

A letra da vez é a E. Na quarta afirmação, embora o cabeçalho de assunto tenha sido pensado para suas entradas serem diretas, esse princípio nem sempre tem sido observado. As entradas às vezes são diretas, conforme nos expressamos comumente (ex.: “-Doenças respiratórias infantis”), e, em outras, o cabeçalho aparece subdividido (ex.: Paisagens - Proteção) ou na ordem invertida (ex.: Crianças, Desenvolvimento das).

Sim! As listas de cabeçalhos de assunto são comumente apresentadas em ordem alfabética. Nesse caso, a letra a ser marcada na quinta afirmação é a C.

Por fim, na sexta afirmação, a resposta é a letra C. Cabeçalho de assunto é uma palavra ou grupo de palavras que representam os conteúdos dos temas abordados em um documento.

A sequência da Atividade fica, então: C - E - E - E - C - C.

2.6 CABEÇALHOS DE ASSUNTO NA PRÁTICA

Na Unidade 1, seção 1.6, tivemos a oportunidade de abordar alguns aspectos da elaboração de vocabulários controlados de maneira geral, quando vimos como gerar um vocabulário controlado. Agora, vamos ver como fica a elaboração dos cabeçalhos de assunto, especificamente.

2.6.1 Elaboração de cabeçalhos de assunto

Se você está lembrado, um conjunto de cabeçalhos de assunto forma uma Lista de Cabeçalhos de Assunto – que é um dos tipos de LD. Daí procurarmos saber como são construídos.

Poucas são as iniciativas de que se tem notícia sobre princípios para geração de cabeçalhos de assunto. Não existem regras internacionais que orientem sua construção, como acontece com a construção de tesouros. Para estes, existem regras específicas, que serão vistas na Unidade 3.

A ausência de normas voltadas para a construção de cabeçalhos de assunto pode ser atribuída a vários motivos. Talvez o mais influente seja a existência da *LCSH*. A *LC* determina os cabeçalhos a serem usados, sem, contudo, enunciar as regras que regem sua elaboração.

Como já dito aqui, a *LCSH* continua a ser usada pela maioria das bibliotecas do mundo. Apesar de suas inconsistências, a *Lista* e suas atualizações permanentes podem ser adquiridas por qualquer serviço de informação. Isso faz com que os profissionais encarregados do tratamento dos documentos sintam-se, digamos, confortáveis. Pelo menos, o marketing da *LC* para a *Lista* mostra-se bem eficiente para seduzir os bibliotecários ao redor do mundo! Basta olhar a página do Serviço de Distribuição de Catalogação da *LCSH* para constatar isso, quando anunciam:

[a Lista] de Cabeçalhos de Assunto da Biblioteca do Congresso (*LCSH*) é a única lista de cabeçalhos de assunto aceita no mundo todo como padrão. A *LCSH* é a lista de cabeçalhos de assunto mais completa do mundo. É a única ferramenta de que bibliotecário algum pode prescindir[...] A *LCSH* é a melhor forma de manter seus cabeçalhos de assunto em dia – a chave certa para catalogação e recuperação temática. (*LC*, 2015, *on-line*, tradução nossa).

No caso brasileiro, a tradição da *LCSH* é grande e sua utilização é feita sem observância de suas inconsistências. Não são poucas as críticas aos cabeçalhos de assunto em geral e, particularmente, à *LCSH*, na tentativa de mostrar sua fragilidade como ferramenta para a representação e recuperação da informação. Mas isso será visto na próxima seção, quando fizermos uma avaliação desse instrumento.

Se os cabeçalhos de assunto mostram-se frágeis em listas tradicionalmente utilizadas, imagine a situação de bibliotecas que não possuem qualquer lista para controlar seu vocabulário na indexação/recuperação da informação! O que fazer nesse caso? Não há outro jeito, a não ser usar palavras da linguagem natural, que é livre e isenta de qualquer controle! Talvez você já tenha enfrentado uma situação dessas. Talvez, até, você trabalhe em uma biblioteca assim, sem um instrumento auxiliar de indexação!

Também é comum encontrarmos bibliotecários às voltas com a elaboração de vocabulários controlados sem que nenhuma orientação lhes seja dada! Como construí-los, então?

Vimos, anteriormente, que *Cutter* formulou regras para cabeçalhos de assunto e que algumas propostas geraram inconsistências nos cabeçalhos. Porém, os princípios de *Cutter* – uso, entrada direta e princípio sindético (estrutura de remissivas) – podem orientar aqueles que se vejam envolvidos com o desenvolvimento de algum vocabulário controlado. É

só conferir. Volte aos “Princípios de Cutter para cabeçalhos de assunto”, citados anteriormente nesta seção.

Até onde se sabe, as orientações para a construção de cabeçalhos de assunto são iniciativas isoladas de instituições que necessitam de um mínimo de padronização do vocabulário tradicionalmente usado. O que acontece normalmente é que os vocabulários vão sendo construídos ao longo do tempo para suprir as necessidades de tratamento dos documentos, porém sem regras explícitas que norteiem sua construção.



Multimídia

Construção de cabeçalhos de assunto: vale conferir!

Figura 23 - Página inicial do site da *Biblioteca Digital do Senado Federal*



Fonte: Portal do *Senado Federal* (2017).¹⁹

Se você quiser conhecer iniciativas sobre a construção de cabeçalhos de assunto, basta consultar um dos seguintes estudos:

- Cabeçalhos de assunto: manual para estudantes de José Carlos Abreu Teixeira*, editado pela *Universidade Federal Fluminense (UFF)* em 1979;
- Análise e representação de assunto: diretrizes para a Rede Virtual de Bibliotecas – Congresso Nacional – RVBI*, elaborado pelo *Senado Federal* em 2007. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/>>;
- Diretrizes para a elaboração de um cabeçalho de assunto*, elaboradas como subsídio aos trabalhos desenvolvidos pela biblioteca da *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. Disponível em: <<http://rogeriopetrinialmeida.blogspot.com>>;
- Manual para elaboração do vocabulário controlado da Biblioteca do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro*, de 2012, que tem por objetivo estabelecer critérios para a construção do vocabulário controlado usado na

¹⁹ Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/>>.

representação dos assuntos no que se refere às tarefas de indexação legislativa, análise de artigos de periódicos e classificação dos livros, folhetos e acervo digital. Disponível em: <<http://www.tjrj.jus.br/documents/10136/18813/MAN-DGCON-038-01-REV-0.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2017.



Multimídia

Curiosidades sobre a LCSH

Figura 24 - Manual da LCSH

The screenshot shows the Library of Congress website. At the top, there are navigation links: 'The LIBRARY of CONGRESS', 'ASK A LIBRARIAN', 'DIGITAL COLLECTIONS', 'LIBRARY CATALOGS', and a search bar with a 'GO' button. Below this, the breadcrumb trail reads 'The Library of Congress > Cataloging, Acquisitions > List of the Subject Heading Manual PDF Files'. The main content area is titled 'List of the Subject Heading Manual PDF Files'. It features a list of subject headings: H 0000 - H 0100 - H 0200 - H 0300 - H 0400 - H 0500 - H 0600 - H 0700 - H 0800 - H 0900 - H 1000 - H 1100 - H 1200 - H 1300 - H 1400 - H 1500 - H 1600 - H 1700 - H 1800 - H 1900 - H 2000 - H 2100 - H 2200 - H 2300 - H 2400; Glossary and Appendices. Below this list, there are sections for 'H 0000' and 'H 0100', each containing a list of specific subject headings with their respective PDF file names and sizes. For example, under 'H 0000', there are links for 'H 0040 Library of Congress Subject Authority Records (PDF, 137 KB) REVISED September 2013' and 'H 0080 Order of Subject Headings (PDF, 20 KB)'. Under 'H 0100', there are links for 'H 0150 Partial Title Added Entries (PDF, 21 KB)', 'H 0160 Uncontrolled Subject Terms in the 653 Field (PDF, 42 KB)', 'H 0165 Subject Heading Changes in Bibliographic Records (PDF, 41 KB)', 'H 0170 CONSER & BIBCO Standard Records (PDF, 131 KB)', 'H 0175 Editions (PDF, 21 KB)', 'H 0178 Serials (PDF, 20 KB)', and 'H 0180 Assigning and Constructing Subject Headings (PDF, 53 KB) REVISED February 2016'. On the left side of the page, there is a sidebar with a search bar and a list of navigation links under 'CATALOGING AND ACQUISITIONS'.

Fonte: *Library of Congress* (20--?).²⁰

Os cabeçalhos de assunto começaram a ser estabelecidos em 1898, mas a primeira edição da *Lista* data do período entre 1909 e 1914, quando ela foi impressa em partes. Seu nome era, então, *Subject Heads Used in Dictionary Catalogues of the Library of Congress*.

A cada ano, milhares de novos cabeçalhos são incluídos.

Atualmente, ela apresenta: uma rede de remissivas (USE/UF – use e usado por), remetendo termos não usados para usados e vice-versa; outra de referências (SA – *see also*), indicando o uso de termos afins; uma estrutura de relações hierárquicas, mantendo próximos termos que pertencem a uma mesma classe temática); e uma estrutura de relações associativas (mantendo próximos termos que tenham significados afins).

²⁰ Disponível em: <<http://www.loc.gov/aba/publications/FreeSHM/freeshm.html>>.

Todas as informações necessárias para o uso correto da *LCSH*, você poderá obter em seu *Manual*, no endereço: <<http://www.loc.gov/aba/publications/FreeSHM/freeshtm.html>>.

2.6.2 Panorama dos cabeçalhos na *LCSH*

Falamos do uso ainda intenso da *LCSH* nas bibliotecas brasileiras. E da grande probabilidade de você, já como profissional, deparar-se com esse instrumento para desenvolver seu trabalho.

Nada mais natural, então, do que lhe dar algumas informações básicas sobre como funcionam os cabeçalhos na *Lista*²¹. Apresentaremos uma síntese feita a partir das folhas da Introdução da 37ª edição da *LCSH*, mostrando uma tipologia dos cabeçalhos, a forma como eles se relacionam na *Lista* e os tipos de suas subdivisões:

a) tipologia dos cabeçalhos

- a.1) os cabeçalhos de entrada são grafados em negrito:

Ex.: ***Alphabet***

Life on other planets

Nuclear physics

- a.2) um cabeçalho pode vir acompanhado da indicação (*May Subd Geog*), mostrando que pode ser subdividido por nomes de lugares;
- a.3) inclui notas de escopo: orientações sobre o significado ou aplicação do cabeçalho, usadas para assegurar consistência em seu uso. Contextuam o significado da palavra tal como aplicado nos catálogos da *LC*;
- a.4) os cabeçalhos consistem em uma ou mais palavras. Um cabeçalho de uma só palavra é normalmente um substantivo. Ex.: *Dogs; Schools; Viscosity*;
- a.5) os conceitos são normalmente mencionados no singular; os objetos, no plural, embora exceções sejam encontradas. Ex.: *Viscosity; Songs*;
- a.6) cabeçalhos de duas palavras contêm um adjetivo e um substantivo. Ex.: *Nuclear physics; Local taxation*;
- a.7) cabeçalhos invertidos²²:
 - a.7.1) com duas palavras: comumente usados com adjetivos, quando descrevem línguas, nacionalidades ou etnias, ou aqueles qualificados por período temporal. Ex.: *Lullabies, Urdu; Songs, French; Art, American; Drawing, Australian; Art, Medieval*.

²¹ Os cabeçalhos serão mantidos na língua original da *LCSH*, tendo em vista que alguns dos exemplos não fazem sentido quando traduzidos para o português, já que a gramática e a sintaxe das duas línguas são diferentes. Exemplo: o termo "*databases*", atualmente em uso na *LCSH*, já teve uma forma antiga na lista: "*data bases*", havendo uma remissiva da forma antiga para a atual. Na língua portuguesa, o termo é "*base de dados*" e não haveria necessidade de uma remissa desse tipo, porque a palavra só existe escrita dessa forma, separadamente.

²² Apesar das inversões, é dito que a política da *LCSH* é manter as entradas em ordem direta.

- a.7.2) independentemente dos casos citados em a.7.1, há inversões encontradas com o mesmo objetivo: manter o substantivo como palavra de entrada. Ex.: *Love, Maternal; Injections, Intramuscular*.
- a.8) cabeçalhos com subdivisão de tópicos, com o nome da classe como entrada. Ex.: *Photography - Studios and dark rooms; Railroads - Timetables* (cabeçalhos invertido por hífen); *Art, Byzantine* (cabeçalho invertido por vírgula); *Cook (Fish)* (cabeçalho invertido por parênteses);
- a.9) nomes de acidentes geográficos invertidos, com a parte significativa do nome do acidente na frente, separada do nome genérico do acidente por vírgula. Ex.: *Amazon, River; Erie, Lake*;
- a.10) cabeçalhos formados por frases com conjunções e preposições. Ex.: *Technology and civilization* (expressando conjugação de duas ideias); *Criminal justice, Administration* (inversão da frase); *Photography of birds; Occupational therapy for children* (ordem direta na frase);
- a.11) vários cabeçalhos contêm números de classificação da LC. Ex.: *Hydraulic presses [TJI 460]; Norwegian language [PD-2571-PD2699]*;

b) relações entre os cabeçalhos

- b.1) referências USE e UF: essas referências são feitas de um termo não autorizado pela *Lista/não preferido* (UF) para uso para um autorizado/preferido para uso (USE).

Ex.: *Cars (Automobiles)*

USE *Automobiles*

Automobiles

UF *Cars (Automobiles)*

Os códigos USE (use, do verbo usar) e UF (*used for/ usado para*) funcionam como recíprocos. Dessa forma, cada referência USE gera, automaticamente, uma recíproca UF, como mostra o exemplo anterior.

As referências USE/UF são feitas para sinônimos, variações ortográficas, formas variadas de expressão, formas de construção alternadas, formas antigas de cabeçalhos etc.

Ex.: *Raw foods*

UF *Food, Raw [Former heading]*

Uncooked food

A referência que representa uma forma antiga de cabeçalho é seguida pela legenda [*Former heading*].

Ex.: *Databases*

UF *Data bases [Former heading]*.

- b.2) relações hierárquicas: os cabeçalhos de assunto são ligados a outros por meio das referências expressas por:

- b.2.1) *broader terms* (BT), indicando termos mais abrangentes. O código BT precede o cabeçalho, representando a classe da qual ele é membro.

Ex.: *Exterior lighting*

BT *Lighting*;

Vehicles

BT *Transportation*.

- b.2.2) *narrower terms* (NT), indicando termos mais específicos. O NT precede o cabeçalho de assunto, representando, na maioria dos casos, um membro da classe representada pelo cabeçalho sob o qual o NT aparece.

Ex.: *Lighting*

NT *Exterior lighting*;

Transportation

NT *Vehicles*.

Como se pode observar nos exemplos, na estrutura hierárquica, os códigos BT e NT estão sempre numa relação de superordenação e subordinação, respectivamente, ambos funcionando como recíprocos.

- b.3) relações associativas: essa relação, representada pelo código RT (*related term*), liga cabeçalhos associados de alguma forma que não seja a hierárquica.

Ex.: *Birds*

RT *Ornithology*.

- b.4) referências genéricas: são feitas a um grupo inteiro de cabeçalhos e não a cabeçalhos específicos. Até a presente 37ª edição, essas referências vem sendo expressas por meio do símbolo SA (*see also/ ver também*).

Ex.: *Woodworking industries*

SA *names of specific industries, ex.: Furniture industry and trade*.

- b.4.1) as referências genéricas também são feitas de um cabeçalho genérico para um grupo de cabeçalhos, todos começando pelo mesmo nome.

Ex.: *Chemistry*

SA *headings beginning with the word Chemical, ex.: Chemical survey, Chemical analysis*.

- b.4.2) outras referências genéricas podem levar à subdivisão.

Ex.: *Economic History*

SA *subdivision Economic conditions under names of countries, cities etc under classes of persons and ethnic groups, ex.: Brazil - Economic history*.

- b.5) referências genéricas do tipo USE.

Ex.: *Access control*

USE subdivision Access control under types of archives, records, computers, computer networks, and statistical and data-gathering services, e.g., Computers - Access control; Psychiatric records - Access control.

- c) subdivisões: as aplicações dos cabeçalhos da *LCSH* requerem uso extensivo de subdivisões de assunto, como meio de combinar um número de conceitos em um só cabeçalho. Ex.: *Massachussets-History-New Plymouth, 1620-1691*.

- c.1) categorias de subdivisões: em geral, quatro categorias de subdivisões são reconhecidas na *LCSH*:

- c.1.1) por tópicos: as subdivisões por tópicos são usadas sob os cabeçalhos principais ou sob outras subdivisões para limitar o conceito expresso pelo cabeçalho de determinado subtópico.

Ex.: *Corn - Harvesting;*

Women - Employment;

Automobiles - Motors - Carburators;

- c.1.2) por tempo/cronologia: as subdivisões cronológicas são usadas para limitar um cabeçalho ou um subcabeçalho a um período de tempo determinado.

Ex.: *Philosophy, French - 18th century;*

Art, Chinese - To 221 B.C.;

- c.1.3) por local/geográfica: a designação (*May Subd Geog*), depois de um cabeçalho de assunto ou subdivisão, indica que eles podem ser seguidos pelo local geográfico. O contrário é indicado pela expressão (*Not Subd Geogr*).

O cabeçalho *Labour supply (May Subd Geog)* indica que o cabeçalho pode ser dividido por qualquer local.

Ex.: *Labor supply - France* **ou**

Labor supply - France-Paris **ou**

Labor supply - France-Paris-Marseille;

- c.1.4) por forma: as subdivisões de forma são usadas para indicar a forma na qual o material sobre determinado assunto é organizado e apresentado, ex.: congressos, dicionários, periódicos. Como tais, são postas como o último elemento do cabeçalho. Podem ser adicionadas praticamente a qualquer tópico e são raramente impressas na *LCSH*. Essas subdivisões tornaram-se *free-floating*s a partir de 1974, como será visto adiante.

Ex.: *United States - History - Periodicals*

A maioria dos subcabeçalhos de forma são indicados na *Lista* por uma referência genérica SA (*see also* – ver também), sob o cabeçalho representado como um todo.

Ex: *Periodicals*

SA subdivision Periodicals under specific subjects, e.g., Engineering - Periodicals;

- c.1.5) subdivisões *free-floating*: são combinações de cabeçalhos já estabelecidos, criadas com base em regras e não em autorizações específicas da *LCSH*.

As *free-floating*s podem ser subdivisões de forma; de classes de pessoas e grupos étnicos; de instituições corporativas, pessoas e famílias; de lugares. (LIBRARY OF CONGRESS, 2014);

- c.1.6) subdivisões *Pattern heads*: válidas para classes das quais nem todas as subdivisões são impressas na *LCSH*. Por exemplo, o cabeçalho "*Joints – Biopsy*" não é impresso na *LCSH*. Entretanto, é um cabeçalho válido, porque a subdivisão "*biopsy*" aparece sob "*heart*", cabeçalho que pode ser considerado da mesma classe de "*joints*". "*Heart*" (coração) e "*joints*" (juntas, articulações) são ambas partes do corpo de seres do reino animal.

2.6.3 Situação dos cabeçalhos de assunto no Brasil

Figura 25 - Fachada da *Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*



Fonte: Flickr (20--?).²³

A *Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN)* (Figura 25) baseia seus cabeçalhos de assunto na *LCSH*.

²³ Autor: André Melo. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ministeriodacultura/with/5142787117/>>.



Atenção

No século passado, precisamente na década de 1980, a *BN* iniciou um trabalho de revisão de seus cabeçalhos de assunto, numa tentativa de sistematizá-los. Tal iniciativa se deu no âmbito do Projeto Cabeçalho de Assunto Unificado (CAU) e se ocupou, primeiramente, das divisões de forma dos cabeçalhos. O trabalho resultou em duas edições, de 1983 e 1984. A primeira delas consistiu na tradução, com leves modificações, das subdivisões da *LCSH* chamadas *free floatings*, já citadas anteriormente (c1.5). A segunda ocupou-se das **divisões de forma** existentes no catálogo da *BN*, além de acrescentar cabeçalhos considerados absolutamente necessários:

- a) **subdivisão de forma:** qualquer palavra que possa ser combinada a outra para representar temas/assuntos constantes em documentos, que representem a manifestação física de uma obra. Ex.: Economia – *Dicionários*; Engenharia – *Abreviaturas*; Automóveis – *Desenhos*; Crianças – *Poemas*; Vargas, Getúlio, 1883-1954 – *Poemas*; Língua catalã – *Mapas*;
- b) **subdivisão *free-floating*:**

Termo que se refere a uma forma ou subdivisão de assunto que pode ser usada sob outros assuntos indicados [...], [porém] sem que um registro oficial tenha sido criado para cada combinação de cabeçalho/subdivisão que pudesse ser necessária” (LC, 2014, *on-line*, tradução nossa).

A segunda edição traz um conjunto de formas julgadas mais usuais ou expressivas, devidamente conceituadas, instruções de como usá-las e exemplos de aplicação prática. Dentre as várias opções de divisões de forma incluídas nessa edição, podem-se citar: abreviatura, anuário, atlas, bibliografia, biografia, catálogos, desenhos, dicionários, discografia, edições críticas, estatísticas, filmografia, guias, normas, peças teatrais, periódicos, poemas, programas de computador, retratos, sermões, tabelas e muitas outras. Ex.: *Assis, Machado de, 1839-1908 - Bibliografia*; *Insetos - Catálogos*; *Engenharia de tráfego - Programas de computador*; *Marés - Tabelas*.



Multimídia

Divisões de forma

Figura 26 - Quem procura sempre encontra!



Fonte: Pixabay (2013).²⁴

Certamente você já se deparou com divisões de forma em um catálogo de biblioteca e nem sabia que se chamavam assim. Se quiser ficar mais familiarizado, visite o *site* <<http://www.conexaorio.com/bit/>> e entre no *link* do trabalho realizado para a *BN* intitulado *Divisões de forma: instruções para seu uso*, coordenado pela professora Hagar Espanha Gomes.

2.7 AVALIAÇÃO DOS CABEÇALHOS DE ASSUNTO DA LCSH

Já dissemos que, apesar de seus problemas, cabeçalhos de assunto continuam a ser usados em várias bibliotecas do mundo, inclusive nas brasileiras. No Brasil, o uso da *LCSH* ainda é alto, por tradição ou porque não se tem mesmo outro instrumento auxiliar mais adequado para o tratamento da informação.

²⁴ Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/inspetor-homem-detetive-masculino-160143>>.



Muitas são as críticas que os cabeçalhos de assunto recebem. Vários autores mencionam a falta de base científica para sua elaboração; as inconsistências das regras, nunca resolvidas; os problemas na recuperação da informação, devidos, principalmente, à linguagem pré-coordenada, que impossibilita a combinação de assuntos que não tenham sido estabelecidos previamente nos cabeçalhos, entre outras. (EL-HOSHY, 2001; FISCHER, 2005; KIRTLAND; COCHRANE, 1982; WELLISCH, 1995; YI; CHAN, 2010).

Especificamente quanto à *LCSH*, esses autores expressam suas opiniões da seguinte forma:

- a) se a *LCSH* não mudar, mais cedo ou mais tarde ela será abandonada;
- b) se ela quiser se manter como uma ferramenta útil na era do computador, terá que fazer alguma coisa que envolva uma grande revisão;
- c) a *LCSH* peca pela falta de terminologia adequada e pormenorizada para as necessidades de certas áreas do conhecimento;
- d) ela foi uma solução para os problemas do século XIX, portanto já é hora de repensar toda a questão dos sistemas de acesso por meio de vocabulário controlado e aplicar o novo pensamento para possibilitar acesso à *web*. É fato comprovado que a *LCSH* é um sistema que precisa de muito trabalho para seu desenvolvimento;
- e) o sistema *LCSH* precisa de muitos aperfeiçoamentos que facilitem seu uso.

Outro motivo bem convincente para as críticas à *LCSH* pode ser atribuído a sua inadequação à era digital. Como já dito, enfaticamente, não podemos esquecer que o cabeçalho de assunto foi criação do século XIX e que, na época, foi uma inovação louvável. Porém, cabe destacar que ele foi a solução para o uso em catálogos de fichas. Atualmente, sua estrutura super-rígida, em virtude da pré-coordenação, já não faz sentido em recuperação da informação *on-line*.

A existência de novas tecnologias concede mais autonomia aos usuários na hora da busca através da pós-coordenação de termos, escapando da linearidade da pré-coordenação, onde é imposta ao usuário uma única forma de procurar o que deseja, sem a liberdade de combinar os assuntos de que ele realmente necessita e da forma como quiser.

Exemplificando: atualmente, se um usuário deseja informação sobre “preços de pousadas em Natal”, ele tem três pontos de acesso para iniciar a busca, não interessando em que ordem procure. Ele pode combinar “Natal” com “pousadas” e “preços”, “preços” com “Natal” e “pousadas” ou, ainda, “Natal” com “preços” e “pousadas”. Acha que ele não conseguiria essa informação? Você também pode fazer uma tentativa!

Quem está habituado a utilizar a internet sabe que “todos os caminhos levam a Roma”! Basta digitar, em um *site* de busca, uma palavra ou palavras sobre as quais se queira informação e é quase certo que se chegue a ela, ainda que seja necessária uma filtragem na resposta para extrair o que realmente interessa. Isso para não falar dos avanços da *web* semântica, que privilegiam o significado das palavras e expressões (ver Unidade 1, seção 1.5 e Unidade 4).

Resumindo, pode-se dizer que as críticas à *LCSH* são de duas ordens:

- a) relativas aos problemas de sua própria natureza, colocando em jogo sua eficácia como ferramenta de orientação para a indexação e recuperação da informação;
- b) relativas à existência de tecnologias mais modernas, que facilitam a vida do usuário, já que a competição de mecanismos para busca automatizada no texto é cada vez maior.

Percebe-se também que essas críticas têm um ponto em comum quando grande parte dos autores que se dedicam ao assunto afirmam que a *LCSH* precisa mudar.

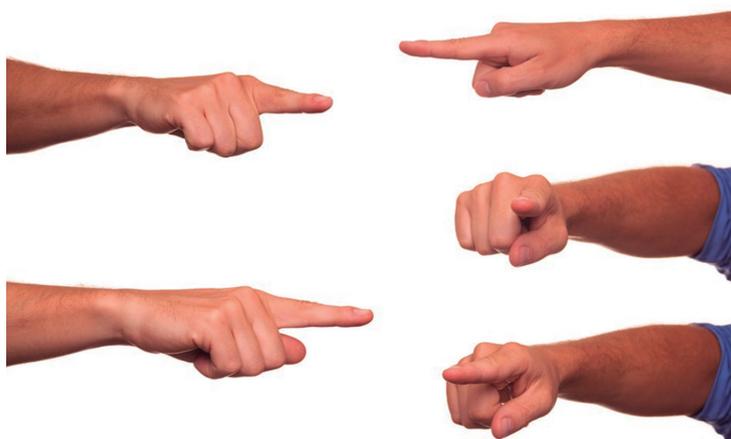
Contudo, em meio aos problemas, vez por outra a literatura deixa transparecer certo desapontamento caso a *LCSH* venha a terminar. Alguns autores afirmam que, apesar das falhas, sem ela, o futuro do acesso aos catálogos e coleções seria grandemente empobrecido. Outros entendem que é muito mais eficiente o uso de cabeçalhos de assunto, defendendo que são mais informativos, por serem sistemas pré-coordenados e, dessa forma, contribuirão para a maior precisão na recuperação da informação.



Multimídia

Críticas à *LCSH*

Figura 27 - Crítica pela crítica, NÃO!



Fonte: Pixabay (2014).²⁵

Criticar por criticar não leva a nada. Nos artigos sugeridos a seguir, você encontrará um bom repertório das críticas feitas à *LCSH*, os argumentos que as sustentam, avaliações e tentativas de melhorá-la:

SVENONIUS, Elaine; MCGARRY, Dorothy. Objectivity in evaluating subject heading assignment. **Cataloging & Classification Quarterly**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 5-40, 1993;

²⁵ Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/designar-picando-dedo-indicar-427537>>.

KIRTLAND, Monika; COCHRANE, Pauline. Critical views of LCSH-Library of Congress Subject Headings: a bibliographic and bibliometric essay. **Cataloging & Classification Quarterly**, [S.l.], v. 1, n. 2-3, p. 71-94, 1982;

YI, Kwan; CHAN, Lois Mai. Revisiting the syntactical and structural analysis of Library of Congress Subject Headings for the digital environment. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S.l.], v. 61, n. 4, p. 677-687, 2010.

Se você tem facilidade em ler na língua inglesa, explore também este estudo elaborado pela *Biblioteca da Universidade de Princeton* (EUA):

SHAVA, Tsering Wangyal. **Critical analysis of Library of Congress Subject Headings**. New Jersey: Princeton University, 1998. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/~shavatw/LCSH.html>>. Acesso em: 6 ago. 2015.

2.8 O QUE EXISTE ALÉM DA LCSH?

Como dito anteriormente, os sistemas que adotam cabeçalhos de assunto baseiam-se na *LCSH* e, portanto, originam-se nos princípios adotados para o catálogo-dicionário idealizado por *Cutter* (ver subseção 2.5.4). Dentre as listas de cabeçalhos de assunto existentes, algumas das mais conhecidas são:

- a) *LCSH*: a mais difundida nos EUA e em grande parte dos países do mundo; reflete o acervo da *LC*;
- b) *Sears List of Subject Headings*: adaptação da *LCSH* para bibliotecas pequenas e médias norte-americanas. Foi mais aceita nas bibliotecas britânicas.

No Brasil, as mais difundidas foram:

- a) *Lista de encabezamientos de materias para bibliotecas* (de *C. Rovira* e *J. Aguayo*, 1967. 3v.): adaptação da *LCSH* e da *Sears* para aplicação nas bibliotecas latinoamericanas;
- b) *Relação de assuntos para cabeçalhos de fichas*: aplicável a pequenas coleções, com cabeçalhos gerais (FERRAZ, 1977);
- c) *Lista compilada de cabeçalhos de assunto da Rede Bibliodata* (IBICT, 2013): utiliza linguagem pré-coordenada, fundamentada na *LCSH*, respeitando particularidades da língua portuguesa.

Todas as listas de cabeçalhos de assunto têm falhas que variam de uma para a outra, mas pode-se dizer, resumidamente, que todas têm pontos críticos em comum. Confira:

- a) não são eficazes o bastante para representar assuntos específicos, numa época em que eles se tornam cada vez mais complexos;
- b) os cabeçalhos de assunto não são construídos sistematicamente;
- c) os sistemas de referências cruzadas também não são construídos sistematicamente;
- d) as regras atualmente existentes para subdivisões dos cabeçalhos continuam gerando inconsistências;
- e) as listas são produto de uma tecnologia que representou avanços para a época em que foi idealizada (século XIX), mas que, no momento, encontra-se em desalinho com tecnologias mais avançadas, precisando de mudanças substanciais.

Será que agora você já tem sua própria opinião sobre o uso das listas de cabeçalhos de assunto nos SRI?

Você está convidado a participar da atividade a seguir e, se for curioso, vai descobrir coisas interessantes, que vão ajudá-lo a usar as listas de forma mais crítica. Mãos à obra!



2.8.1 Atividade

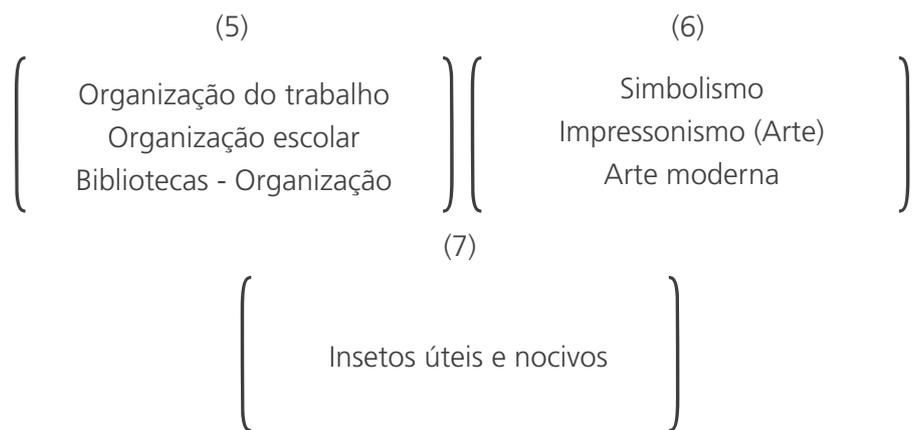
Começando a praticar...

Talvez você seja “convidado”, um dia, a usar uma lista de cabeçalhos de assunto para indexar o material de um SRI. Nesse caso, é bom estar preparado para usá-la criticamente, portanto, da forma mais apropriada. A seguir, estão cabeçalhos retirados de uma lista bastante difundida no Brasil há algum tempo. Agora é com você: o que deve fazer? Analise cada conjunto e comente, no espaço a seguir, por que são inconsistentes. Se houver mais de um cabeçalho no conjunto, compare-os.

O primeiro já está feito. Continue a partir do número 2.

Cabeçalhos:

(1)	(2)
$\left(\begin{array}{l} \text{Água - Purificação} \\ \text{Água - Taxa de consumo} \\ \text{Código de águas} \end{array} \right)$	$\left(\begin{array}{l} \text{Catolicismo Ver Igreja católica} \\ \text{Budismo} \\ \text{Protestantismo} \end{array} \right)$
(3)	(4)
$\left(\begin{array}{l} \text{Crianças - Doenças cardíacas} \\ \text{Doenças respiratórias infantis} \\ \text{Doentes mentais} \end{array} \right)$	$\left(\begin{array}{l} \text{Crianças, Desenvolvimento das} \\ \text{Educação de crianças} \end{array} \right)$



1	Os dois primeiros cabeçalhos têm subdivisões de assunto e o terceiro, não, sua entrada é direta. Por que não entram diretamente como o terceiro, desta forma: "Purificação da água" e "Taxa de consumo da água"? Não seria assim que o usuário procuraria?
2	
3	
4	
5	
6	
7	

Resposta comentada

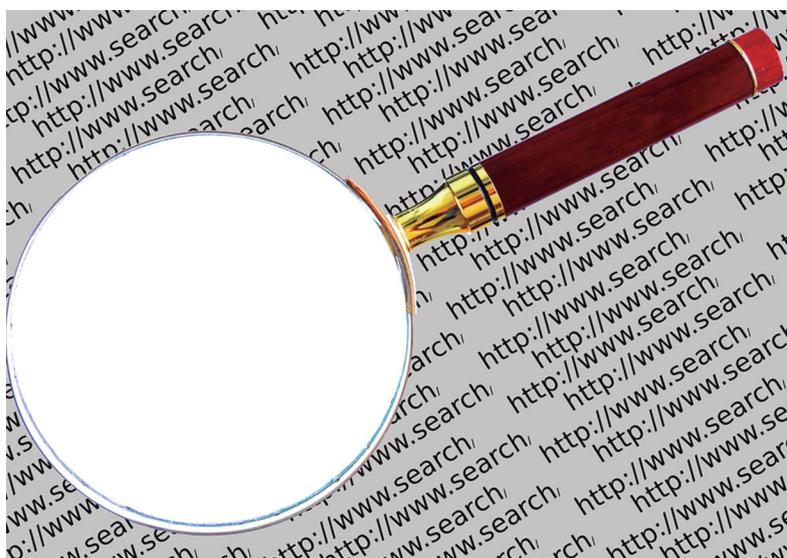
- Por que "protestantismo" e "budismo" entram direto por seus nomes e "catolicismo" não?
- Por que não "doenças cardíacas infantis" e "doenças mentais", para ficar condizente com "doenças respiratórias infantis"? Assim, todas as entradas seriam por tipos de doenças. Como saber, numa busca, tudo o que existe disponível sobre "doenças"?
- Por que não usar o mesmo critério de entrada de "educação de crianças" e entrar por "desenvolvimento de crianças",

diretamente? Por que usar a inversão em “crianças-desenvolvimento das”?

5. Por que os dois primeiros cabeçalhos entram por “organização” e o terceiro entra por “biblioteca”? Não seria a ordem natural das coisas todos entrarem de forma consistente por “organização”? Qual terá sido a razão dessa decisão?
6. Repararam que “simbolismo” e “impressionismo” estão entrando especificamente pelos nomes dos movimentos artísticos? E por que “arte moderna” também não entrou por “Modernismo (Arte)”? Aliás, porque somente “impressionismo” está qualificado com “(Arte)”? Isso não deveria ser regra para todos? Não deveria ser também “Simbolismo (Arte)” e “Impressionismo (Arte)”?
7. Existem insetos nocivos que sejam úteis? Pode ser...! De qualquer jeito, “útil” é um conceito e “nocivo” é outro completamente diferente. Aliás, são conceitos antagônicos! Por que teriam que ser juntados num só cabeçalho? E a busca do usuário que quiser só material sobre “animais nocivos”, como fica?

2.9 OS CABEÇALHOS DE ASSUNTO EM TEMPOS DE *WEB*, COMO ESTÃO?

Figura 28 - Pesquisando assuntos na web



Fonte: Pixabay (2014).²⁶

²⁶ Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/motor-de-busca-pesquisa-463398>>.



As iniciativas de cabeçalhos de assunto na *web* não trouxeram muitas novidades. Apesar da nova tecnologia, os *softwares* dos catálogos disponíveis na rede não sofreram mudanças substanciais. A questão da recuperação da informação por assuntos continua pré-coordenada em muitos sistemas *on-line*, sem permitir a combinação de assuntos na hora da busca, ou seja, sem permitir a pós-coordenação.

Vamos dar exemplo de dois catálogos *on-line*: um, o de cabeçalhos de assunto da própria *LCSH*; o outro, baseado neles:

- a) *LCSH*: permite a busca por assuntos preexistentes na *Lista*, direcionando-a para assuntos mais genéricos, mais específicos e correlatos. Ex.: uma busca por “*protestantism*” traz a seguinte estrutura:

Protestantism
BT Christianity
NT Arminianism
Angelicalism
Fundamentalism
Holiness movement
RT Protestant churches
Reformation

Como citado antes, a partir dos anos 1980, a estrutura de relacionamentos entre os termos da *LCSH* (BT, NT e RT) passou a refletir a estrutura originalmente adotada nos tesouros (outra ferramenta para indexação/recuperação da informação que será vista na Unidade a seguir).

As relações de equivalência (sinônimos e quase sinônimos) também são permitidas na *Lista*. Referências são feitas para variantes semânticas e lexicais, de termos e frases equivalentes para cabeçalhos válidos. Ex.: “*parabolic antennas*” USE *SATELLITE DISH ANTENNAS*; “*heart attack*” USE *MYOCARDIAL INFARCTION*. A *LCSH on-line* ainda inclui termos equivalentes de outras listas de cabeçalhos de assunto;

- b) *Handbook of Latin America Studies (HLAS on-line)*: bibliografia multidisciplinar sobre a América latina editada pela *LC*, publicada desde 1936. Permite a busca por palavras-chave, localizando trabalhos sobre o assunto pesquisado, além de conduzir a assuntos correlatos de outros trabalhos. Ex.: uma busca feita por “doença mental” não só recupera trabalhos sobre esse assunto, como também pelos assuntos relacionados, como “prisioneiros políticos – Argentina”, por exemplo.



Multimídia

Não somos São Tomé, mas vale ver para crer!

Figura 29 - Cabeçalhos de assunto na internet



Fonte: Pixabay (2016).²⁷

Você mesmo pode se distrair simulando várias buscas nos *sites* desses catálogos. Pesquise em:

- a) <<http://id.loc.gov/search>> (em inglês);
- b) <<http://lcweb2.loc.gov/hlas/portugues/hlashome.html>>.

RESUMO

O cabeçalho de assunto é um componente de uma LD formado por palavras/expressões que representam o conteúdo dos assuntos dos documentos. Ao conjunto de cabeçalhos de assunto dá-se o nome de lista de cabeçalhos de assunto, cuja proposta é facilitar o processo de indexação/recuperação da informação. Como toda linguagem, ela é composta de vocabulário e gramática. Algumas iniciativas envolvendo o cabeçalho de assunto têm, também, uma sintaxe.

O cabeçalho de assunto tem como função controlar o vocabulário empregado na indexação/recuperação da informação, padronizando-o e, desse modo, aproximar a linguagem usada pelo indexador da linguagem usada pelo usuário em suas buscas.

²⁷ Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/menino-negócios-desenhos-animados-1300226>>.



As listas de cabeçalhos de assunto são consideradas LD, tendo em vista seu papel na indexação/recuperação da informação. As LD são linguagens documentárias artificiais (construídas), cuja principal característica é ser pré-coordenada. Isso significa que as palavras/expressões que formam os cabeçalhos são deliberadamente conjugadas antes mesmo de o indexador ou o usuário fazerem uso deles.

Em 1876, *Charles Ammi Cutter* fez a primeira tentativa de sistematização dos cabeçalhos usados na *LC*, introduzindo o catálogo-dicionário. Esse catálogo foi uma inovação para a época, pois *Cutter* pretendia que todas as entradas dos cabeçalhos fossem diretas pelos assuntos, sem inversões de palavras nem interposições de classes, seguindo a ordem usada na linguagem natural.

Mas as regras apresentadas para formação e aplicação dos cabeçalhos geraram muitas inconsistências, que persistem até hoje na *Library of Congress Subject Headings (LCSH)*.

Historicamente, essa linguagem vem sendo usada há muito tempo pelas bibliotecas e, apesar de suas inconsistências, a *LCSH* continua a ser empregada em várias bibliotecas do mundo, inclusive no Brasil. O sistema de cabeçalhos de assunto vem sendo constantemente criticado, quer pela falta de princípios científicos que validem sua estrutura – o que compromete sua eficácia como ferramenta de auxílio na indexação/recuperação da informação, quer pela maior eficiência de novas tecnologias desenvolvidas para o mesmo fim.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima Unidade, você começará a estudar outra linguagem documentária, desenvolvida a partir dos anos 1960 do século XX – os tesouros. Até lá!

PRÉ-REQUISITOS

Seria ótimo se você acessasse a internet e fizesse uma busca pela palavra “tesauro”. Você também pode procurar por *thesauri*. A grafia pode variar. Experimente começar pelo *Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira*, passeie por ele. Clique, inicialmente, na “parte alfabética”. Você vai se divertir com as novidades a respeito de nosso folclore. O site é: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/index_m.htm>.



Sugestão de Leitura

MAC EVAN, Andrew. Working with LCSH: the cost of cooperation and the achievement of access: a perspective from the British Library. In: CONFERÊNCIA GERAL DA IFLA, 64., 1998, Amsterdam. **Proceedings...** Amsterdam: IFLA, 1998.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogerio C.P. de. **Diretrizes para elaboração de um cabeçalho de assuntos**. Porto Alegre: Ed. UFRS, 2011. Disponível em: <rogeriopetrinialmeida.blogspot.com>. Acesso em: 20 ago. 2015.

BRASIL. Senado Federal. **Análise e representação de assunto**: diretrizes para a Rede Virtual de Bibliotecas: Congresso Nacional: RVBI. Brasília: Senado Federal, 2007. Disponível em: <www2.senado.leg.br/>. Acesso em: 23 ago. 2015.

CESARINO, M. A. da N.; PINTO, M.C.M. F. Cabeçalho de assunto como linguagem de indexação. **R. Esc. UFMG**, Belo Horizonte, v.7, n. 2, p. 268-288, set. 1978.

EL-HOSHY, Lynn M. Relationships in Library of Congress Subject Headings. In: BEAN, Carol A.; GREEN, Rebecca (Ed.). **Relationships in the organization of knowledge**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001. ch.9.

FERRAZ, Wanda. **Relação de assuntos para cabeçalhos de fichas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1977.

FISCHER, Karen S. Critical views of LCSH, 1990-2001: the third bibliographic essay. **Cataloging & Classification Quarterly**, [S.l.], v. 41, n. 1, p. 63-109, 2005.

GOMES, Hagar E.; MARINHO, Marcílio.T. Introdução ao estudo do cabeçalho de assunto. **Biblioteconomia, Informação & Tecnologia da Informação**, Rio de Janeiro, 1984. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/ >. Acesso em: 16 nov. 2014.

Semestre

4



KIRTLAND, Monika; COCHRANE, Pauline. Critical views of LCSH - Library of Congress Subject Headings: a bibliographic and bibliometric essay. **Cataloging & Classification Quarterly**, [S.l.], v. 1, n. 2-3, p. 71-94, 1982.

LIBRARY OF CONGRESS. LCSH Cataloguing Distribution Service. **Library of Congress**, Washington, [201-?]. Disponível em: <<http://www.loc.gov/cds/products/>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

LIBRARY OF CONGRESS. **Library of Congress Subject Headings**: monthly List 07. Washington: **Library of Congress**, 2015. Disponível em: <<http://classificationweb.net/approved-subjects/1507.html>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

LIBRARY OF CONGRESS. **Library of Congress Subject Headings (LCSH)**. Washington: Library of Congress, 2014. Disponível em: <http://www.db.dk/bh/lifeboat_ko>. Acesso em: 18 mar. 2010.

LIBRARY OF CONGRESS. Library of Congress Subject Headings (LCSH 37): introduction. **Library of Congress**, Washington, [201-?]. Disponível em: <<http://www.loc.gov/aba/publications/FreeLCSH/LCSHintro.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

RIO DE JANEIRO (Estado). Poder Judiciário. **Manual para elaboração do vocabulário controlado da Biblioteca do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.tjrj.jus.br/documents/1013...>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

SHAVA, Tsering Wangyal. **Critical analysis of Library of Congress Subject Headings**. New Jersey: Princeton University, 1998. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/~shavatw/LCSH.html>>. Acesso em: 6 ago. 2015.

SVENONIUS, Elaine; MCGARRY, Dorothy. Objectivity in evaluating subject heading assignment. **Cataloging & Classification Quarterly**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 5-40, 1993.

TEIXEIRA, José Carlos Abreu. **Cabeçalhos de assunto**: manual para estudantes. Niterói: Ed. UFF, 1979.

TÔRRES, L. M. C. **Inconsistências de cabeçalhos de assunto**: propostas de sistematização. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFRJ/ ECO/ IBICT, Rio de Janeiro, 1992.

WELLISCH, Hans H. et al. **Indexing from A to Z**. 2nd ed. New York: HW Wilson, 1995.

YI, Kwan; CHAN, Lois Mai. Revisiting the syntactical and structural analysis of Library of Congress Subject Headings for the digital environment. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S.l.], v. 61, n. 4, p. 677-687, 2010.

